ISSN 2359-053x

ANO 5 - NÚMERO 59 - SETEMBRO 2019

Xapuri

SOCIOAMBIENTAL

R$ 15

AMAZÔNIA:

O PIOR DO FOGO AINDA ESTÁ POR VIR

p. 08

BIODIVERSIDADE

Topetinho-Vermelho:
o menor beija-flor do Brasil

p. 15

MEIO AMBIENTE

Os Incendiários

p. 36

SUSTENTABILIDADE

Às agressões, como nos
responde a Mãe Terra?

p. 46

#5 COISAS QUE VOCÊ PRECISA SABER SOBRE SEU FGTS

1 Quais são as novas formas de saque do FGTS?

Saque imediato: a partir de 13/09 e até 31/03 de 2020

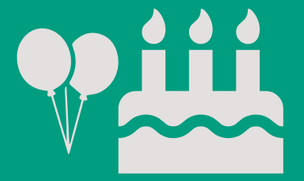
Saque aniversário: a partir do próximo ano

De imediato, você pode sacar **até** R$ 500 de cada uma das suas contas de FGTS, ativa ou inativa (de trabalhos anteriores)

2 Haverá depósito automático na conta?

Sim, mas apenas para quem já tem conta poupança na Caixa. Se o poupador não quiser este saque,terá que fazer um “desfazimento”, até o dia 30 de abril

3 E o saque aniversário? Como funcionará?



O trabalhador poderá sacar uma parte de seu FGTS todos os anos. Pela nova regra, quanto maior o valor na conta, menor será o percentual que poderá ser sacado

4 O que muda para o trabalhador?

Pela regra do saque aniversário, o trabalhador não terá acesso ao saldo total do FGTS, em caso de demissão sem justa causa

Neste caso, o trabalhador terá acesso apenas à multa de 40% e só será possível voltar à modalidade anterior dois anos depois

5 Qual benefício em manter o FGTS protegido e sob gestão Caixa?

Quanto maior o recurso do fundo, mais segurança, investimentos e crédito

Como banco 100% público, a Caixa é o principal agente desse desenvolvimento, financiando saneamento, construções emprego e renda

Uma Caixa mais forte é um Brasil com mais crédito e mais investimento

FENAE
FEDERAÇÃO NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES DO PESSOAL DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

www.fenae.org.br

> **“Se a nossa Terra morrer, nenhum de nós será capaz de viver, e todos nós também morreremos.”**
>
> Cacique Raoni

COLABORADORES/AS - SETEMBRO

Altair Sales Barbosa – Arqueólogo. **Bia de Lima –** *Professora*. **Eduardo Pereira –** *Sociólogo*. **Emir Sader –** Sociólogo. **Iêda Leal –** Professora. **Iêda Vilas-Bôas –** Escritora. **Jaime Sautchuk –** Jornalista. **Janaina Faustino –** *Gestora Ambiental*. **Lúcia Resende –** Professora. **Leonardo Boff –** *Escritor*. **Lúcio Flávio Pinto –** *Jornalista*. **Maria Aparecida Hamu Opa (***in memoriam***) –** Professora. **Pedro Tierra –** Poeta. **Rosilene Corrêa Lima –** Professora. **Valério Fabris –** Jornalista. **Zezé Weiss –** Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

1. Jaime Sautchuk – Jornalista
2. Zezé Weiss – Jornalista
3. Altair Sales Barbosa – Arqueólogo
4. Ângela Mendes – Ambientalista
5. Antenor Pinheiro – Jornalista
6. Elson Martins – Jornalista
7. Emir Sader – Sociólogo
8. Graça Fleury – Educadora
9. Jacy Afonso – Sindicalista
10. Jair Pedro Ferreira – Sindicalista
11. Iêda Vilas-Bôas – Escritora
12. Trajano Jardim – Jornalista

EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 9 8135 6822. Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: 5.000 exemplares. Circulação: Revista Impressa - Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri. info. Distribuição – Revista Impressa: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.

Seria plena tarde de sol em dia normal. Mas o céu da cidade de São Paulo escureceu. O Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) logo apontou a causa do fenômeno incomum: a fumaça das queimadas da Amazônia. Institutos de ciências do mundo inteiro entraram em alerta, espantados.

Aliás, estamos todos um tanto mais espantados com o que se passa no Brasil, nos campos político, econômico e socioambiental. Um país que até outro dia se orgulhava de ser o “B” do grupo de nações emergentes denominado BRICs (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) – mas, de repente, se vê num buraco multifaces, de efeitos mundiais.

O país virou protagonista dos acontecimentos em plano global – e, no centro do mundo, vê seu chefe de estado desancar tradicionais aliados e atirar a esmo em diversas direções. Atitudes que enchem de vergonha uma nação inteira e nós, brasileiros, ficamos sem saber o que dizer, pois, afinal, jogam em nossas faces o fato de termos votado em figura tão estranha, díspar. E é verdade.

É certo que as pesquisas de opinião revelam que a maior parte daqueles que elegeram esse governante se mostra arrependida. Esse é o tema da reportagem de Capa da edição nº 59 de Xapuri, que começamos a folhear. Há, contudo, indicações de que talvez esses eleitores tenham votado de forma equivocada, o que seria uma boa notícia.

Mas a Xapuri não é só isso. Como de costume, esta edição trata de muitos outros temas, que estarão nessas páginas, com boas histórias e estórias, todas bem ilustradas.

Vale a pena conferir.

Boa leitura!

Zezé Weiss e Jaime Sautchuk

Editores

Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info

A Xapuri é importante porque sempre lembra a gente da importância de preservar a natureza e cuidar do futuro.
Paulo Henrique Lima - Crateús - CE

Fico maravilhado todo mês com a beleza da revista. Estão de parabéns!
Igor Martins - Santana - BA

As matérias da Xapuri estão cada vez melhores.
Acompanho a revista já faz cinco anos e sempre me surpreende.
Bianca Ferreira - Brasília - DF

A imagem do mês!

@michelplatinidf

Marque suas melhores fotos do Instagram com a hashtag
#revistaxapuri
Sua foto pode aparecer AQUI!

Xapuri 59 SET 19
SOCIOAMBIENTAL

08 **CAPA**
Amazônia:
O pior do fogo ainda está por vir

18 **CONSCIÊNCIA NEGRA**
A fragilidade social diante do extermínio da população negra

15 **BIODIVERSIDADE**
Topetinho Vermelho: o menor beija-flor do Brasil

20 **CONJUNTURA**
LULA: 500 dias de injustiça e dignidade

16 **ECOLOGIA**
Os desaparecidos

24 **ECOTURISMO**
CineBaru na Vila de Sagarana

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

26 **RESISTÊNCIA INDÍGENA**
Em defesa da Amazônia e dos modos de vida dos povos da floresta

30 **GASTRONOMIA**
Hiji – a pamonha de mandioca

31 **LITERATURA**
Paus d'arcos

34 **MITOS E LENDAS**
A lenda do Minarã o dono do fogo

36 **AVOSIDADE**
Os Incendiários

38 **LITERATURA**
A incivilidade dos mimos

40 **SAÚDE**
Personalidade

42 **SAGRADO INDÍGENA**
Terras Indígenas: direito constitucional

46 **SUSTENTABILIDADE**
Às agressões, como responde a mãe Terra?

48 **UNIVERSO FEMININO**
Tarsila do Amaral: envolvimento social, paixão e denúncia através da arte

Foto: Victor Moriyama/Greenpeace

AMAZÔNIA:
O PIOR DO FOGO AINDA ESTÁ POR VIR

Jaime Sautchuk, Zezé Weiss

Em 19 de agosto, a vida parecia correr normal na maior cidade do Brasil até que, no meio da tarde, por volta das 15 horas, aconteceu o impensável: o céu da capital paulista escureceu de repente. Uma imensa nuvem de fumaça, proveniente das queimadas na Amazônia, originada a centenas e até milhares de quilômetros de distância foi, segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), o que fez a noite cair sobre São Paulo em pleno dia.

Nos dias que se seguiram, com o auxílio de imagens de satélites da NASA, o Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN) concluiu que as partículas de fumaça eram provenientes de queimadas ocorridas nas regiões Centro-Oeste e Norte do Brasil, e em áreas do Paraguai e da Bolívia. Porém, segundo o INPE, a grande nuvem de fumaça que cobriu São Paulo foi formada principalmente pelas emissões de queimadas e incêndios florestais causados por ações humanas na Amazônia brasileira.

Com o choque da escuridão em São Paulo, o Brasil não teve outro jeito senão despertar de seu sono profundo para enfrentar a trágica realidade do desmatamento criminoso, provocado pelo garimpo clandestino, pela extração ilegal da madeira e pela grilagem de terras na Amazônia, que por seu turno desemboca nas chamas que, inclementes, devoram vastas extensões da maior floresta tropical do planeta.

O TEMPO DAS QUEIMADAS

É sabido que as queimadas não são um fenômeno novo na Amazônia. A cada ano, no tempo da seca, o chão da floresta é pontilhado por focos de fogo, tendo sido o pico das queimadas registrado em 2005, com 63.764 focos. Entretanto, houve uma redução substancial no período 2006-2009, e esse número não passava de 22 mil desde 2010. Os dados de 2019 mostram uma reversão na curva de controle do fogo na Amazônia.

Nos 30 dias do último mês de agosto, satélites do INPE registraram 30.147 focos de queimadas, superando a média de 25.853 para o mesmo período, entre os anos de 1998 e 2018. Segundo dados do Programa de Queimadas do INPE, a Amazônia concentra 52,5% dos focos de queimadas de 2019, em seguida vindo o Cerrado, com 30,1%, e depois a Mata Atlântica, com 10,9%.

Desde o início do ano, cinco estados brasileiros tiveram um grande e preocupante aumento no número de queimadas, em comparação com o mesmo período do ano passado: Mato Grosso do Sul, com uma alta de 260% em relação a 2018; Rondônia, com 198%; Pará, com 188%; Acre, com 176%; e Rio de Janeiro, com 173%. Se tomarmos como base apenas o número, Mato Grosso é líder, com 13.641 focos, o que representa 19% do total nacional.

Foto: Divulgação

Foto:Divulgação

O "DIA DO FOGO"

No dia 10 de agosto, um grupo de grileiros, madeireiros e ruralistas organizou um "Dia do Fogo" na região de Altamira, no Pará. O crime foi anunciado no dia 5 de agosto pelo jornal Folha do Progresso, da cidade de Novo Progresso, a 1.194 quilômetros da capital do estado, Belém. *"Precisamos mostrar para o presidente (Jair Bolsonaro) que queremos trabalhar e o único jeito é derrubando. Para formar e limpar nossas pastagens é com fogo,"* diz o texto.

A publicação sobre o "Dia do Fogo" chamou a atenção do Ministério Público Federal. E em 10 de agosto, dois dias antes da ação prometida, a Procuradoria em Itaituba (PA) enviou um alerta "urgente" ao Ibama, pedindo reforço na fiscalização de áreas de preservação. O Ibama não aumentou a fiscalização, segundo um documento do próprio instituto, e só respondeu ao MPF em 12 de agosto.

Em resposta ao MPF, o órgão informa não ter podido agir, *"devido a diversos ataques sofridos e à ausência do apoio da Polícia Militar do Pará, as ações de fiscalização no Estado estão prejudicadas por envolverem riscos relacionados à segurança das equipes de campo"*, e informa também ter pedido reforço de segurança à Força Nacional, sem ter obtido apoio desse braço do Ministério da Justiça.

A procuradora da República, Raquel Dodge, afirmou no dia 26 de agosto que há indícios de "ação orquestrada" para incendiar a floresta na região.

O fato é o que incêndio orquestrado provocou imenso estrago. Os dados do INPE mostram que o fogo aumentou muito na região depois do dia 10. Esse crescimento ocorreu principalmente em reservas florestais das cidades de Novo Progresso, Altamira e São Félix do Xingu – todas cortadas pela rodovia BR-163.

No dia 10, Novo Progresso tinha 124 focos de incêndio, um aumento de 300% em relação ao dia anterior. Altamira registrou 154 focos de 6 a 8 de agosto. Entre 9 e 11, havia 431 pontos de fogo na cidade. Ou seja, alta de 179% em três dias. São Félix do Xingu apresentou um aumento mais significativo: entre 6 e 8 de agosto, o município registrou 67 focos. Nos três dias seguintes, foram 288 – aumento de 329%.

A RESPOSTA AO FOGO

Comuns nos anos 1980, os protestos em defesa da Amazônia voltaram a tomar as ruas e praças do Brasil e do mundo. Artistas e intelectuais ocuparam as redes sociais. Os governos dos estados da Amazônia criaram um Consórcio da Amazônia. Os presidentes da Câmara dos Deputados e do Senado Federal se movimentaram para criar canais de observação e controle. Chefes de Estado de diversos países se posicionaram, expressando preocupação e solidariedade. O G7 ofereceu ajuda econômica, recusada pelo governo brasileiro, após entrevero do presidente do Brasil com o presidente da França, Emmanuel Macron.

Já o governo federal demorou para compreender e agir sobre a crise. Somente na última semana de agosto, depois de muita pressão nacional e internacional, incluindo de membros do agronegócio, sua base de apoio, tropas do exército foram mobilizadas para ajudar no combate ao fogo.

Foi também declarada uma moratória de 60 dias, proibindo queimadas em todo o território nacional. Moratória essa que durou horas. Em menos de um dia, uma edição extraordinária do Diário Oficial da União foi impressa, mantendo a moratória apenas para os nove estados da Amazônia Legal.

Pesquisas de opinião e manifestações recentes de intelectuais e formadores de opinião não somente condenam a postura do governo brasileiro, como também atribuem ao próprio presidente, que se autodenomina "capitão motosserra", e às políticas adotadas por sua trupe antiambiental a responsabilidade pela perda de controle sobre as queimadas na Amazônia.

Em artigo recente, publicado pelo Projeto Colabora sob o título "Como Bolsonaro incendiou a Amazônia", o jornalista Agostinho Vieira resume em 10 pontos as ações de despreparo e descontrole do governo brasileiro sobre o meio ambiente e, em consequência, sobre a incapacidade de controlar o desmatamento e as queimadas na Amazônia:

1 – Fim do Ministério do Meio Ambiente – O primeiro dos indícios pode ser encontrado logo no início do mandato. O recém-eleito Jair Bolsonaro prometeu acabar com a pasta do Meio Ambiente. Ela seria fundida com a Agricultura e teria um representante do agronegócio no comando. A promessa não foi cumprida, mas a área ambiental foi esvaziada, perdeu a Agência Nacional de Águas para o Desenvolvimento Regional e o Serviço Florestal Brasileiro para o Ministério da Agricultura. Afinal de contas, como diz o presidente, *"a questão ambiental só é importante para veganos, que comem só vegetais"*.

2 – A indústria das multas – A cruzada contra a tal "indústria das multas" sempre foi uma obsessão de Bolsonaro. Nessa batalha, vale até inventar números, como os R$ 15 bilhões anuais em multas que seriam aplicadas pelo Ibama e ICMBio. Os dados, fictícios, são 4 ou 5 vezes maiores do que a realidade: *"Não vou mais admitir o Ibama sair multando a torto e a direito por aí, bem como o ICMbio. Essa festa vai acabar"*, afirmou o presidente. Dessa vez, a promessa foi cumprida. De janeiro a maio, o número de multas aplicadas pelo Ibama por desmatamento ilegal foi o mais baixo em 11 anos. A queda foi de 34%. Em diferentes situações, a fiscalização foi desautorizada pelo governo. A ponto de o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, criticar publicamente os fiscais que destruíram equipamentos usados por criminosos para retirar madeira ilegal de uma Unidade de Conservação no Pará. Vale lembrar que o procedimento é permitido por lei. Outro item que favorece e incentiva o infrator é o decreto que criou os chamados "núcleos de conciliação", que analisam as multas ambientais aplicadas por fiscais em todo o Brasil. Um atalho para a impunidade na floresta.

3 – Ataque às Unidades de Conservação – Assim que assumiu, o ministro Ricardo Salles anunciou a revisão de todas as Unidades de Conservação do país, desde o tradicional Parque Nacional de Itatiaia, que tem quase cem anos, até o Parque do Boqueirão da Onça, criado na Bahia em 2018. Ao todo são 334. Segundo o ministro, as unidades haviam sido feitas "sem critério técnico" e deveriam ter os traçados revistos ou mesmo serem extintas. Na mesma linha, um projeto de lei apresentado pelo filho do presidente, o senador Flávio Bolsonaro, defende o fim das Reservas Legais, argumentando que elas contrariam o direito constitucional à propriedade. As Reservas são áreas protegidas, previstas no Código Florestal, que não podem ser desmatadas, em propriedades rurais. Segundo Bolsonaro, o filho, elas são fruto de uma "ecologia radical, fundamentalista e irracional" que prejudicaria o desenvolvimento do país. Se aprovado, esse projeto faria com que a área desmatada no país chegasse a 167 milhões de hectares, superior ao estado do Amazonas.

4 – Esvaziamento do Ibama e do ICMBio – Em abril deste ano, numa feira do agronegócio em Ribeirão Preto, Bolsonaro anunciou que ia fazer um "limpa no Ibama e no ICMBio". E fez. Dos nove escritórios do Ibama na Amazônia, oito estão acéfalos há oito meses. Esta e outras ações do presidente para esvaziar a fiscalização ambiental no país provocaram um encontro inédito de sete ex-ministros do Meio Ambiente. *"Nós temos nossas diferenças políticas e ideológicas, mas nenhum de nós ousou desmontar o ICMBio, o Ibama, propor a extinção de parques ou de terras indígenas já demarcadas e homologadas, ou até mesmo voltar atrás nos avanços das gestões anteriores. Sempre reconhecemos os avanços*

das gestões anteriores e fomos adiante", disse Sarney Filho em coletiva de imprensa após a reunião. Foi do presidente também a decisão de afastar o fiscal do Ibama José Augusto Morelli. Morelli foi quem flagrou o então deputado federal Jair Bolsonaro em um barco com varas de pescar e recipientes para peixes em uma área onde a pesca era proibida: a Estação Ecológica de Tamoios. Hoje, o Ibama tem 2.000 cargos vagos, e o ICMBio, outros 1.200.

5 – Desmoralização das lutas indígenas – Essa é outra batalha antiga do presidente. Bolsonaro garantiu que, sob a sua liderança, não haveria nem mais um centímetro de terra indígena demarcada. Mas, antes, ele já havia ido bem mais longe: *"Competente, sim, foi a cavalaria norte-americana, que dizimou seus índios"*, afirmou Bolsonaro, em pronunciamento na Câmara dos Deputados em 1998. Esta semana ele voltou à carga. Em uma reunião com os governadores da Amazônia, que deveria tratar de soluções para as queimadas, o presidente priorizou as reservas indígenas: *"Muitas reservas têm o aspecto estratégico. Alguém programou isso. O índio não faz lobby, não fala a nossa língua e consegue hoje em dia ter 14% do território nacional. Uma das intenções é nos inviabilizar"*, afirmou, mais uma vez sem entrar em detalhes e nem apresentar provas.

6 – Recusa em sediar a COP 25 – A crise climática planetária, definitivamente, não está entre as prioridades do governo. Mesmo que os impactos sobre o Brasil sejam graves, como preveem 9 em cada 10 cientistas. O Governo cortou 95% das verbas destinadas aos órgãos que acompanhavam o tema e abriu mão de sediar a COP-25, maior encontro climático do mundo, que acabou sendo transferido para o Chile, em novembro. O ministro do Meio Ambiente também chegou a anunciar o cancelamento da Semana do Clima da América Latina e Caribe (Climate Week), em Salvador. O argumento? Seria apenas uma "oportunidade" para se "fazer turismo em Salvador" e "comer acarajé". O prefeito de Salvador, ACM Netto (DEM), não gostou da interferência e bancou a realização do evento.

7 – Aliança com a ala mais atrasada do Agronegócio – O discurso do presidente Bolsonaro sobre o Meio Ambiente é simplista e equivocado. Quem diz isso não é um ambientalista radical, mas dois ilustres representantes do agronegócio: Katia Abreu e Blairo Maggi. Ambos temem que a retórica do presidente faça o Brasil perder mercado: *"Não tem essa de que o mundo precisa do Brasil. Somos apenas um "player" e, pior: substituível. O mundo depende de nós agora, mas, daqui a pouco isso se inverte e ficamos chupando o dedo"*, disse Maggi, em entrevista ao *Valor*. *"Os agricultores que estão alegres hoje vão chorar amanhã"*, completou Katia Abreu, ex-presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). Para ela, a retórica "antiambiental" de Bolsonaro, na verdade, é "antimercado" e representa o atraso.

8 – Críticas ao trabalho do INPE – *"Com toda a devastação de que vocês nos acusam de estar fazendo e ter feito no passado, a Amazônia já teria se extinguido"*, disse Bolsonaro em julho, durante um café da manhã com jornalistas estrangeiros. Repetindo a velha prática de culpar o termômetro pela febre do paciente. As críticas do presidente provocaram a queda do diretor do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), Ricardo Galvão. Um mês depois, dados de satélite coletados pelo INPE, órgão respeitado internacionalmente, confirmaram o crescimento das queimadas na região de Novo Progresso e Altamira, no Pará, onde produtores rurais organizaram o "Dia do Fogo". O governo foi avisado com três dias de antecedência por fiscais do Ibama, mas nada fez para evitar. A Guarda Nacional, ligada ao Ministério da Justiça, e a PM do Pará disseram que não tinham como ajudar.

9 – Bombardeio ao Fundo Amazônia – Constrangimento, foi o que o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, provocou ao convocar uma entrevista coletiva para criticar o modelo de gestão do Fundo Amazônia, que existe há mais de 10 anos, já beneficiou milhares de pessoas e é fundamental para a preservação da Amazônia. O Fundo é gerenciado pelo BNDES e cerca de 95% dos seus recursos, que somam mais de R$ 3 bilhões, vêm da Noruega e da Alemanha. Os dois países não concordaram com as mudanças propostas pelo governo, disseram que o Brasil não vinha se esforçando para conter a subida do desmatamento, o crescimento das queimadas, e decidiram interromper o fornecimento de recursos. Bolsonaro tem repetido que o governo está sem dinheiro e que os ministros fazem milagres, no entanto, recusou a ajuda dos países do G7 e fez tudo para inviabilizar o Fundo Amazônia.

Ao ser questionado sobre o crescimento de 70% no percentual de queimadas na Amazônia, o presidente Jair Bolsonaro respondeu: *"O crime existe e nós temos que fazer o possível para que não aumente, mas nós tiramos dinheiro de ONGs, repasses de fora, 40% ia para ONGs, não tem mais. De modo que esse pessoal está sentindo a falta de dinheiro. Pode estar havendo, não estou afirmando, a ação criminosa desses 'ongueiros' para chamar a atenção contra minha pessoa contra o governo do Brasil"*. Prova? Nenhuma.

O AVAL DO GOVERNO

A grande onda de desmatamento de florestas, seguida de muitos (e grandes) focos de incêndios é parte do plano de ocupação da Amazônia de um setor das elites brasileiras. Esse setor inclui o atual presidente da República. Pra eles, quem combate o desmatamento e as queimadas na Amazônia é a Esquerda.

O fogo em si não tem novidade nenhuma. Em verdade, o que está queimando agora é principalmente a mata que foi derrubada desde o início do período de estiagem, no ano passado. Quem desmata são madeireiros, grileiros, garimpeiros e ruralistas, todos visando ao lucro imediato. E agora já não enfrentam mais nem a já frágil fiscalização do Ibama e do ICMBio, órgãos do Ministério do Meio Ambiente nocauteados pelo próprio governo.

A liberação geral do desmatamento foi iniciada pelo governo de Michel Temer, que assumiu o poder após o golpe de 2016, que derrubou a presidenta Dilma Rousseff. Mas encontrou território livre agora, no atual governo federal, que ignora acordos internacionais assinados pelo Brasil e desdenha a responsabilidade de maior país da Amazônia.

Durante encontro com empresários do setor de comércio exterior, em Vitória, no Espírito Santo, no dia 29 de agosto, o vice-presidente da República, general Hamilton Mourão, tentou dividir a responsabilidade com os governos locais.

"Cometemos erros, sim. Todos os anos, nós sabemos que agosto, setembro e outubro são meses de seca e de queimada. É igual ao Sete de Setembro, a gente sabe que tem todo ano. Compete aos entes governamentais em todos os níveis travar o combate às ilegalidades cometidas nesse momento," disse o vice-presidente.

Em verdade, apesar dos indícios apontarem a ação criminosa de fazendeiros e grileiros, Mourão atribuiu os incêndios "à população que emprega métodos antiquados de limpeza de terreno". Ele disse que madeireiros, grileiros e garimpeiros também participaram das queimadas, mas que as ações são "por falta de alternativa econômica".

"Sabemos também que, dentro da área amazônica, convivem três tipos de elementos que cometem essas irregularidades: o madeireiro, o grileiro e o garimpeiro. Esse trio pode ser cada um uma pessoa ou estar incorporado numa única pessoa. Nós temos que dar oportunidade de trabalho para essas pessoas, porque senão elas vão buscar um modo de ganhar a vida", disse ele.

Foto: Divulgação

O fato é que o governo federal trombou de frente com governos do mundo inteiro, de todas as correntes, que defendem tratamento especial à Floresta Amazônica. Tentou amenizar sua postura editando Decreto que proíbe queimadas por 60 dias, o que mostrou ser uma medida ineficaz, pois a sinalização em contrário já havia sido dada aos interessados.

Desde 1º de janeiro, o orçamento do Ibama encolheu 25%, como parte do aperto de cinto do governo, de acordo com dados internos do próprio governo, coletados pela Agência Reuters. Entre os cortes, o orçamento para a preservação e o controle de incêndios florestais diminuiu 23%.

A nova administração do Ibama também tornou mais difícil para a agência a repressão ao corte de madeira, a agricultura e a mineração ilegais que já devastaram quase 12 mil quilômetros quadrados da Amazônia neste ano, segundo dados do órgão.

Além disso, uma unidade de elite de fiscais florestais do Ibama não atuou na Amazônia neste ano, algo inédito desde que o corpo fortemente armado e altamente treinado foi criado, cinco anos atrás. Em vez disso, estes agentes especiais foram confinados em grande parte a tarefas burocráticas ou encarregados de fazer outros trabalhos de campo, longe das áreas críticas da floresta tropical.

Ou seja, o governo segue na implantação de sua política neoliberal ao extremo, contrariando a expectativa popular. Sua posição diante das queimadas, no entanto, contribui com a permanente queda nas pesquisas de opinião, que revelam o desencanto de quem elegeu este presidente da República.

O PIOR DO FOGO AINDA ESTÁ POR VIR

Em 30 de agosto, o engenheiro florestal Tasso Azevedo, coordenador do Map Biomas, publicou em seu blog pessoal o seguinte texto, com o título "O pior do fogo pode ainda estar por vir," alertando para os riscos que se avizinham no que resta dessa temporada de queimadas:

"A quantidade de incêndios na Amazônia entre os meses de janeiro e agosto cresceu mais de 80% em 2019, quando comparada com 2018. Houve anos piores, mas ainda estamos no início da estação do fogo, e os próximos meses são de alto risco.

Ao cruzar os dados, observa-se uma enorme sobreposição entre as áreas de alertas de desmatamento e as áreas de focos de calor (fogo) detectados por satélite. O fogo de fumaça densa e alta é típico de queima de floresta. Não se trata de uma simples limpeza de pasto, em geral caracterizada por uma fumaça mais rala e rasteira.

Os incêndios florestais dependem essencialmente de dois fatores: combustível e ignição. A floresta derrubada, quando seca, é o combustível, e a ignição em estação seca é quase sempre uma ação antrópica. Não é acidente.

É parte da dinâmica do desmatamento em regiões tropicais. Primeiro, se põem abaixo as grandes árvores; depois, passa-se o correntão, para derrubar a vegetação mais baixa; e depois de algumas semanas secando, ateia-se fogo a fim de terminar o serviço.

A floresta que queima agora foi derrubada em abril, maio e junho. O que veio abaixo em julho e agosto vai queimar em setembro e outubro. Como a área detectada de desmatamento cresceu muito em julho (278%) e agosto (118% até o dia 23), o pior do fogo ainda está por vir.

É fundamental reduzirmos o combustível e evitarmos, a todo custo, novas ignições. É preciso que se determine a moratória do uso do fogo na Amazônia, no Cerrado e no Pantanal até o final da estação seca, ou seja, pelo menos até o final de outubro.

Junto com esta medida, é essencial uma campanha ostensiva de comunicação, nos moldes das campanhas para eliminar os focos de reprodução do mosquito da dengue, para restringir o uso do fogo como prática agrícola.

Por outro lado, é urgente uma ação de força com o objetivo de estancar o desmatamento que está acelerando. Mais de 90% do desmatamento são ilegais, e muitas vezes estão ligados às máfias de roubo de madeira, ao garimpo e à grilagem de terras. Esses grupos criminosos são alimentados pela impunidade.

São necessárias ações exemplares de fiscalização. Primeiro, nas áreas protegidas como Unidades de Conservação e Terras Indígenas, focando nos garimpos e nas áreas recentemente desmatadas, com apreensão de máquinas e equipamentos e, se necessário, sua inutilização.

E, em segundo lugar, é necessário promover o imediato embargo de todas as áreas do Cadastro Ambiental Rural com desmatamento ilegal – começando por aquelas identificadas nos alertas do Sistema de Detecção de Desmatamentos em Tempo Real (Deter) e com laudos completos já detalhados pelo MapBiomas Alerta.

A fim de lidar com a pressão da grilagem, deve-se estabelecer a distinção para uso sustentável das Terras Públicas Não Destinadas na Amazônia. Para estimular atividades sustentáveis, é preciso restringir o crédito rural às atividades que não envolvam desmatamento, combater os madeireiros que atuam ilegalmente e ampliar significativamente as áreas de concessão florestal.

O que vivemos é uma crise real, que pode se transformar numa tragédia anunciada, com incêndios muito maiores que os atuais, se não forem freados imediatamente. É hora de juntar forças, e não dividir.

Nós temos que aprender com a história. Todos os momentos de sucesso em derrubar as taxas de desmatamento – como entre 2004 e 2012 – foram forjados em um ambiente de ações compartilhadas entre os governos federal e estaduais, as organizações não governamentais, o setor empresarial, os cientistas e a comunidade local. Falta-nos hoje liderança para agregar. Para desagregar, está sobrando."

Infelizmente, a ostensiva devastação da Amazônia não é o único problema enfrentado pela Meio Ambiente no Brasil. Em meio a toda essa tragédia, o presidente segue fazendo declarações desastrosas sobre a Amazônia e os povos que nela e dela vivem, em especial sobre os povos indígenas, em uma cruzada antiecológica que desconsidera os direitos humanos estabelecidos pela Constituição Brasileira de 1988.

Jaime Sautchuk
Jornalista. Escritor

Zezé Weiss
Jornalista, com dados oferecidos pela Assessoria de Imprensa da CONTAG.

TOPETINHO-VERMELHO:

O MENOR BEIJA-FLOR DO BRASIL

Foto: Divulgação

De topete vermelho e bico vermelhos, o belíssimo topetinho-vermelho (*Lophornis magnificus*) pesa cerca de 3 g, mede até 6,8 cm e é, segundo o ornitólogo Helmut Sick, o menor beija-flor do Brasil.

Conhecido também como beija-flor magnífico, seu nome científico vem do grego (*lophos*) = crista, topete; e *ornis* = pássaro; e do latim (*magnificus*) = magnífico, esplêndido ⇒ pássaro com topete magnífico.

O macho apresenta um topete vermelho e um bonito leque de penas de cada lado do pescoço na cor branca, que terminam em uma faixa verde que passa ao negro na ponta. Com face negra, garganta e pescoço anterior verdes, partes inferiores de um cinza-esverdeado, o pequeno pássaro tem as partes superiores esverdeadas com uropigiana branca, cauda com a face anterior cor de canela, com as pontas negras. O bico é vermelho, com a ponta preta.

A fêmea não tem o topete vermelho e nem o leque no pescoço, tem a garganta branca sarapintada de canela e o bico menos intensamente vermelho, com a barriga branca. Fêmea ou macho, um ser magnífico!

O voo nupcial do topetinho-vermelho é um espetáculo à parte. Na época do acasalamento, o macho corteja a fêmea eriçando o topete vermelho e expandindo os tufos laterais do pescoço movimentando-os, enquanto executa um lento voo ou paira diante da fêmea, que permanece pousada; em seguida, sobe em voo acrobático para voltar em pique como se fosse atingir a companheira, produzindo um forte sussurro "rrrep", e depois sobe de novo.

Seu ninho é uma tigela sólida e rasa feita de material macio, como paina de gravatá, fiapos de xaxim etc. e com sua parede externa não atapetada com liquens, como na maioria dos ninhos de beija-flores. O local escolhido é sempre sobre um ramo horizontal ou uma forquilha de árvores.

Encontrado exclusivamente no Brasil, em uma área que, segundo o Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO), vai de Alagoas até o Rio Grande do Sul, o topetinho-vermelho alimenta-se principalmente do carboidrato que extrai do néctar das flores das regiões onde habita – chácaras, jardins floridos e bordas de mata nativa, onde elas ainda existem.

Eduardo Pereira
Sociólogo, , com dados do G1-SP (http://g1.globo.com/sp/campinas) e Wikiaves (https://www.wikiaves.com.br/)
@weiss_guru

DO JEITO QUE VAMOS, A AMAZÔNIA VOLTARÁ A SER DESERTO

Altair Sales Barbosa

A interpretação de alguns climatologistas de que a Terra terá um aumento significativo na temperatura nos próximos anos é corretíssima. Isso acontecerá em decorrência do aumento global da temperatura provocado pelo efeito estufa.

Além do aumento da temperatura, num primeiro momento, em alguns locais do planeta, várias outras modificações climáticas caracterizadas por outros fatores acontecerão nos próximos anos. Entretanto, torna-se necessário colocar ordem em outras interpretações, principalmente naquelas que se referem à sucessão das paisagens. Isso porque muitas informações são confusas, contraditórias, e não levam em consideração a história evolutiva das paisagens mencionadas.

Recentemente, têm sido divulgadas informações de que o aumento gradual de temperatura na faixa tropical da Terra provocará secas na região amazônica e essa se transformará num Cerrado. A informação quanto ao clima é verdadeira, porém a informação referente à transformação da floresta úmida equatorial amazônica em Cerrado é falsa.

Seria até bom para o futuro do planeta se a floresta se transformasse em Cerrado, pois essa paisagem vegetal é, ecologicamente, mais eficiente no que se refere ao sequestro de carbono e poderia equilibrar ou mesmo amenizar com o tempo as consequências do efeito estufa. Mas não é isso que acontecerá.

O aumento da temperatura na região amazônica e a diminuição da umidade provocará lentamente a morte da floresta úmida e fará com que a Amazônia retorne a ser um grande deserto arenoso, como já aconteceu em sua história evolutiva recente, do Pleistoceno até início do Holoceno, ou seja, de 2 milhões de anos até 11 mil anos Antes do Presente (AP).

Na realidade, uma gama de estudos em diversos campos da ciência, desde a geologia, geomorfologia, climatologia, paleontologia, palinologia, botânica, zoologia, biogeografia e outras atesta que, durante o último período glacial, denominado Wisconsin na América e Wiirm no Velho Mundo, notadamente a partir de 20 mil anos AP, existia na Amazônia, principalmente nas chamadas terras baixas, um grande deserto arenoso denominado Deserto de Óbidos, que se unia a outro grande deserto situado mais para oeste e que abrangia todo o vale que hoje corresponde ao rio Orinoco.

Isso aconteceu porque houve uma diminuição da umidade na Amazônia, provocada pelas modificações das correntes aéreas, que dependiam das movimentações das correntes marinhas, que foram alteradas pela ação da glaciação citada.

Naquela época, em ilhas específicas situadas nos baixos Chapadões da Amazônia, existiam manchas significativas de Cerrado, conforme atestam os estudos de palinologia (ciência que estuda os pólens fósseis). Essas manchas eram um prolongamento da grande área de Cerrado já existente no centro da América do Sul e desapareceram numa época muito recente, em função do fenômeno da coalescência da floresta equatorial, provocada pela expansão das áreas florestadas por causa das mudanças climáticas e de solo, decorrentes do final do período glacial.

A Floresta Amazônica, tal como a conhecemos atualmente, é um fenômeno recentíssimo dentro da história da Terra e só foi viável em função principalmente das condições edáficas (solos). Nesse sentido, os pesquisadores da pedologia (ciência que estuda os solos) relatam que a maior parte dos solos hoje existentes na área do Bioma Amazônico é incompatível com uma longa estabilidade da floresta, por serem solos muito jovens, com alta taxa de reposição, dotados de características especiais, indicando ausência de vegetação, ou vegetação muito rala, num passado não tão distante.

Por outro lado, o Cerrado é um tipo de ambiente muito antigo, que já atingiu seu apogeu evolutivo, composto por formas vegetacionais associadas a modelos específicos de solo e umidade, cuja adaptação exigiu um longo espaço de tempo, calculado em milhões de anos. É um ambiente em que qualquer tipo de desequilibro provocado na sua estrutura poderá promover sua extinção. Por isso é que se afirma que um Cerrado degradado jamais voltará a ser Cerrado.

A vegetação do Cerrado não é xerófita, logo estará na dependência de um clima subúmido: a condição climática que determina o Cerrado é a mesma responsável pelo aparecimento de manchas de florestas. Uma vez satisfeita a condição climática, o Cerrado aparecerá ou não, na dependência de fatores edáficos, de ordem nutricional; as diferenças de regime hídrico e térmico em certos limites não implicam modificações sensíveis na fisionomia do Cerrado.

Folhas enormes, que muitas plantas de Cerrado apresentam, ausência de sinais de murchamento, mesmo no auge da seca, floração e brotação abundantes antes das chuvas, contradizem a noção geral de que a existência do Cerrado seja devido à escassez de água. Vários estudos de fisiologia e morfologia botânica sobre plantas do Cerrado atestam essa afirmação, e, somente a título de ilustração, citamos os autores Rawitscher, Rachid e Ferri.

Esses estudos destacam a grande profundidade dos solos do Cerrado; abundância de água nesses solos; profundidade considerável dos sistemas radiculares das plantas do Cerrado; presença frequente de estruturas xeromorfas na vegetação do Cerrado, como estômatos em depressões, epidermes revestidas por cutículas espessas e camadas cuticulares ou recobertas por numerosos pelos ou escamas, presença de hipoderme e parênquimas incolores, células pétreas e esclerênquimas bem desenvolvidas.

A grande maioria das plantas do Cerrado transpira livremente e com altos valores, mesmo nos períodos de secas mais pronunciadas. As plantas do Cerrado mostram, quase sem exceção, estômatos abertos durante todo o dia, mesmo durante a seca. Também é comum encontrá-los abertos à noite.

Em geral, as reações estomáticas das plantas do Cerrado são lentas. O fechamento total das fendas estomáticas, quando se faz cessar o suprimento hídrico arrancando a folha da planta, pode consumar em uma hora ou mais e, às vezes, nunca se completa inteiramente. A transpiração cuticular é frequentemente muito elevada, embora as cutículas e as camadas cuticulares sejam espessas. Os déficits de satisfação das folhas são baixos, em geral, mesmo em época seca. O valor mais alto encontrado é da ordem de 5% do conteúdo máximo de água.

Em contraste, por exemplo, com as plantas da Caatinga, do trópico semiárido, em cujo ambiente tanto árvores como arbustos têm reações estomáticas muito rápidas, reduzindo mais de 50% do valor inicial de sua transpiração em apenas dois minutos após cessar o suprimento de água, e completam o fechamento estomático em cinco minutos. Esses poucos dados apresentados demonstram a complexidade dos processos adaptativos pelos quais passou o Cerrado. Processos esses que exigiriam longos períodos geológicos, calculados em milhões de anos.

Portanto, para que uma floresta equatorial semelhante à Amazônica, com a história evolutiva que tem, possa se transformar em Cerrado, seriam necessários alguns milhões de anos para que se criassem algumas condições vitais, tais como: clima subúmido de temperatura amena e com significativa amplitude térmica entre o dia e a noite; tipos específicos de solo. Se fossem originadas essas condições, que não são fáceis de serem concretizadas, porque nem sempre existe a rocha matriz e suas interações milenares, para a formação dos solos (somente para citar um exemplo), possivelmente poderia ocorrer a migração de algumas espécies de plantas de Cerrado, para a nova área que seria formada.

Uma área de Cerrado degradada jamais tornará a vir a ser Cerrado com toda sua biodiversidade. Alterando as condições de solo para melhor, através de correções, até uma floresta pode-se criar no local, Cerrado nunca mais. À primeira vista, esse novo ambiente vistoso parece ser até mais encantador, mas se penetrarmos além das aparências, perceberemos que ecologicamente o prejuízo será enorme e irreversível. A começar pela recarga dos aquíferos que não será mais a mesma, em função do complexo sistema radicular que caracteriza as plantas do Cerrado e que retém cerca de 70% das águas das chuvas. O sequestro de carbono da atmosfera também será afetado

Portanto, se os efeitos globais de mudança ambiental continuarem caminhando no sentido que apontam os estudos climatológicos, é bem provável que as antigas dunas de areias depositadas na Amazônia durante o Pleistoceno voltem a ficar expostas, sem a vegetação, que morrerá pelo aumento da temperatura e pela falta de umidade.

Se não forem tomadas medidas radicais, provavelmente ainda na nossa geração, poderemos presenciar ao vivo a ressurreição do deserto de Óbidos e de outras paisagens de capítulos antigos da história da Terra. Isso, se a humanidade conseguir sobreviver.

Altair Sales Barbosa
Dr. em Antropologia e Geociências
Smithsonian Institution de Washington D.C. USA -
Pesquisador do CNPq -
Membro Titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

Foto: Revista Ceará

A FRAGILIDADE SOCIAL DIANTE DO EXTERMÍNIO DA POPULAÇÃO NEGRA

A falta de senso crítico leva à comemoração da morte de um ser humano sem dó nem piedade

Iêda Leal

A naturalização da morte traduz a concepção distorcida do que seja direitos humanos. A Constituição Federal de 1988 consagra, em seu artigo 1°, o princípio da cidadania, da dignidade da pessoa humana e dos valores sociais.

Estamos vivenciando tempos de desconsideração de todo o processo da construção, da conquista e da garantia desses direitos. O cerceamento das liberdades individuais, a perseguição dos direitos coletivos, o pensamento conservador e as políticas ditatoriais têm tirado a vida de muitas pessoas.

No último dia 20 de agosto, o jovem Willian Augusto da Silva, de 20 anos, foi morto por um *sniper* da Polícia Militar, enquanto mantinha 37 pessoas reféns num ônibus na Ponte Rio-Niterói, no Rio de Janeiro. Não estamos falando sobre a punição que ele teve pela gravidade da situação, ou ainda sobre a falta de justiça potencial, caso ele seguisse com o sequestro.

Tratamos aqui é da crueldade, da falta de humanidade e da deformação mental das pessoas moldadas no padrão homem branco-racista-homofóbico, que aspiram a assumir o protagonismo do fascismo vigente no Brasil, claramente demonstradas na comemoração da morte de Willian pelo governador do Estado do Rio de Janeiro, Wilson Witzel.

Ao descer do helicóptero no local da tragédia, o governador deu risos e socos no ar, um verdadeiro absurdo. E, pasmem, ele foi parabenizado por muitos após aquele ato terrivelmente repudiável. Ficou claro que faltou compaixão e sobrou desrespeito de quem deveria proteger a população, e não comemorar o extermínio de um ser humano, qualquer que fosse a circunstância.

Uma grande parcela da sociedade está de acordo com a necropolítica, oficializada por Witzel e pelo governo de Jair Bolsonaro, que se apresenta como uma política de morte em que o Estado é autor e não vê problema algum nisso, porque está assegurada a legitimidade para matar.

No entanto, não apenas os criminosos são mortos pelos tiros disparados por eles, todos morrem, todos somos atingidos! As balas perdidas se acham em vários corpos e, na grande maioria das vezes, corpos pretos, periféricos, pobres, de trabalhadores, sem qualquer ligação com o crime.

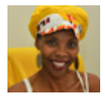
O alento de que ainda existe esperança vem da mesma história. Na delegacia, Paulo César Leal, pai de uma das vítimas do sequestro, consolou Renata Paula da Silva, mãe de Willian. Segundo ele, tentou ajudar, já que não lhe cabia o julgamento, pois ela acabara de perder o filho.

O homem afirmou nas entrevistas que deu que a única intenção, como ser humano, foi tentar ajudar, já que a dor é dos dois lados. Um abraço que nos dá sensação de alívio, de gente que entende a necessidade de proteção do outro. É disso que o mundo carece: amparo e atenção!

Mais do que nunca, choramos as mortes que se tornam números para o Estado. Pessoas coisificadas pelo poder opressor, apoiado pelos oprimidos sem clareza política e de classe. Que o questionamento sobre civilização x barbárie nos ajude a refletir a tolerância e a empatia como fundamentais na mediação das relações entre nós e os outros. Façamos valer a legislação brasileira como garantia para viver!

#VidasNegrasImportam!

Foto: Estadão Conteúdo



Iêda Leal
Tesoureira do SINTEGO. Secretária de Combate ao Racismo da CNTE. Vice-presidenta da CUT-GO. Coordenadora Nacional do MNU. Artigo enviado em 25 de julho de 2019 desde a Tailândia, onde participou do Congresso Mundial de Educação.

LOJA XAPURI
100%
SOLIDÁRIA

www.xapuri.info/loja-solidaria

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Cada produto vendido por nós e comprado por você contribui para o fortalecimento de um pequeno empreendimento, de um coletivo de mulheres, de um povo indígena, de um projeto socioambiental, ou de um movimento social.

LULA: 500 DIAS DE INJUSTIÇA E DIGNIDADE

Emir Sader

Já foram 500 dias de injustiça, mas também 500 dias de dignidade. Lula dá lição de caráter para todo mundo, de coerência, de espírito de luta. Lula combina o realismo com a esperança viva não somente de que ele vai sair, mas também de que o Brasil vai se recuperar A vitória da oposição na Argentina fortalece ainda mais nele essa convicção.3.1K

A hora e meia de conversa que pude ter com ele e a entrevista ao Bob Fernandes me dão ideia de corpo e alma do Lula aos 500 dias de prisão e de resistência. Ele parece o mesmo que se despediu de cada um de nós em São Bernardo, para se apresentar à PF e ser trazido à masmorra em que o encerram ilegal e injustamente desde então.

Como ele costuma reiterar, ele está ali voluntariamente, não apenas para provar que é inocente, como que os bandidos, que deveriam estar presos ali, são os que o acusaram e o condenaram sem provas. Que, se ele quisesse, poderia ter saído do Brasil. Estivemos juntos em Santana do Livramento, na Caravana do Sul, cruzamos a rua para Rivera, para comer numa churrascaria uruguaia. Bastaria ele ficar por ali e não teria que pagar esses já 500 dias de prisão e isolamento.

Mas o Lula não é disso. Ele faz questão de enfrentar tudo isso para provar sua inocência, que é uma forma mais de seguir os conselhos da Dona Lindu, de jamais abaixar a cabeça. De vez em quando sai nota na internet de quem quer ganhar espaço, de que o Lula vai sair agora ou em setembro, mas ele não se cansa de dizer, para quem quer escutá-lo, que só sai totalmente inocente, sem condicionante algum. Está pedindo que deixem de dizer essas coisas, que são falta de respeito com ele e sua palavra.

Na entrevista ao Bob Fernandes se pode ver o Lula de corpo e alma, depois de 500 dias e 500 noites de prisão ilegal. Se esperavam quebrar espiritualmente ao Lula, se deram muito mal. Ele está mais forte do que nunca.

Ele disse, na abertura, que se sente numa encruzilhada pela quantidade de mentiras que já foram contadas. Ele reafirmou que não precisa de favor, precisa de justiça. Na sua audiência ao Moro, ele lhe disse que ele estava condenado a condená-lo, porque disseram tantas mentiras. O Dallagnol, depois daquele power point, não teve coragem de encará-lo em nenhuma audiência. Com o apoio da Rede Globo, que não sabe mais viver sem a grade da destruição política do Brasil.

Ele está aguardando que a Suprema Corte retome a direção do poder judicial neste país e faça justiça. Ele disse o que o Intercept está revelando, que eles mentiram a seu respeito desde o começo. Pessoas que sabem que eles estão mentindo: Deus, ele Lula, o Dallagnol e o Moro. Ele tem desfiado a quem quer que seja que haja um real na vida dele que não seja resultado do seu trabalho.

Ele tem expectativa, depois de tudo o que está acontecendo, que a Suprema Corte faça justiça no Brasil. O que ele espera é o restabelecimento do Estado democrático de direito, em que as pessoas acreditem na Justiça.

Ele tem a plena convicção de que tudo o que está acontecendo em torno da Lava Jato tem o dedo dos EUA, do Departamento de Justiça.

No dia do tal power point, que termina com a declaração de que não tinha provas, só convicções, naquele dia, o Conselho Nacional do Ministério Público deveria ter pedido a exoneração dele.

O que estão fazendo com o Brasil – a maior preocupação do Lula – é um processo de destruição moral, ética, estão jogando fora tudo o que o Brasil construiu. Estão destruindo o que dá caráter a uma nação.

Comprar o básico, que foi conseguido pelos governos do PT, não é consumismo. Nós demonstramos que é possível montar um esquema político que torne possível o povo ter acesso aos bens básicos que ele precisa. Consumismo é querer ter 10 carros, ter não sei quantas casas.

Ele reafirma que provou, com muita humildade e com o apoio do povo brasileiro, que é possível consertar o país. Ele conversou com todo mundo, foi amigo de todos os países do mundo, não teve inimigos. Governou para todos, privilegiando os mais frágeis.

Na entrevista o Lula demonstra como está plenamente afiado para voltar a dirigir o Brasil. Que está informado e tem plena consciência dos problemas do país. Que enriqueceu ainda mais sua visão do mundo com o encerro e as leituras sistemáticas que ele vem desenvolvendo.

Já foram 500 dias de injustiça, mas também 500 dias de dignidade. Ele dá lição de caráter para todo mundo, de coerência, de espírito de luta. Lula combina o realismo com a esperança viva, não somente de que ele vai sair, mas também de que o Brasil vai se recuperar. A vitória da oposição na Argentina fortalece ainda mais nele essa convicção.

Foram 500 dias de prisão injusta, de condenação sem provas, de resistência e de exemplo para todos. Ele só sai inocente e, como ele reiterou, para seguir fazendo política, mais do que nunca, pelo compromisso de vida que ele tem com o Brasil e com o povo brasileiro.

Foto: Divulgação

CUT
FITRATELP
SINTTEL SINTPQ SINTELMARKETING SINTRATELE

Emir Sader
Sociólogo, um dos principais sociólogos e cientistas políticos brasileiros.

POVOS DO CERRADO TRAZEM PAUTAS DO BIOMA PARA A CAPITAL FEDERAL

O IX Encontro e Feira dos Povos do Cerrado reuniu mais de 500 representantes de povos e comunidades tradicionais do Cerrado em Brasília de 11 a 14 de setembro de 2019. O objetivo do Encontro foi chamar a atenção para as ameaças enfrentadas pelo Bioma, dar voz e visibilidade para os povos do Cerrado também por meio de apresentações culturais e realização de feira aberta ao público com produtos da sociobiodiversidade.

Brasília foi palco da nona edição do Encontro e Feira dos Povos do Cerrado, de 11 a 14 de setembro, no Complexo Cultural Funarte.

Com o tema **Pelo Cerrado Vivo: diversidades, territórios e democracia**, o encontro contou com uma programação voltada principalmente para debater as pautas prioritárias do Bioma e de seus povos e ser um espaço dedicado à diversidade de vozes, culturas e modos de vida de povos, comunidades tradicionais e agricultores e agricultoras familiares que vivem no Bioma.

Participaram do Encontro mais de 500 pessoas vindas dos 12 estados onde a savana brasileira está presente: Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Distrito Federal, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Rondônia, Tocantins, Bahia, Maranhão e Piauí.

Dentre os pontos altos do Encontro destacaram-se a tradicional Corrida de Toras, realizada na Esplanada dos Ministérios, em frente ao Congresso Nacional, seguida da realização do "Seminário para Debater a Importância dos Povos e Comunidades para a Conservação do Cerrado", no dia 11 de setembro, Dia Nacional do Cerrado, no Auditório Nereu Ramos, Anexo II, da Câmara dos Deputados, em parceria com a Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável e Ecocâmara.

Na oportunidade, a Campanha Nacional em Defesa do Cerrado fez a entrega de uma petição pública com mais de meio milhão de assinaturas para estimular a Câmara dos Deputados a votar pela aprovação da PEC 504/2010, cujo objetivo é transformar o Cerrado e a Caatinga em Patrimônio Nacional, visando à diminuição do desmatamento e à preservação dos povos e modos de vida desses Biomas.

A abertura oficial do evento foi realizada às 18 horas, também no dia 11 de setembro, no Teatro Funarte Plínio Marcos. Já no dia 12, o seminário "Cerrado: qual defesa queremos?" reuniu representantes de povos e comunidades tradicionais, de organizações socioambientais e pesquisadores, no Complexo Cultural Funarte. No dia 13, a Rede Cerrado, organizadora do Encontro e Feira dos Povos do Cerrado, fez uma Assembleia Geral.

Durante todos os dias, foram realizadas oficinas temáticas, atrações culturais e feira com diversos produtos como artesanatos, cosméticos, doces, salgados, bebidas e embutidos, todos vindos do Cerrado. As atividades do IX Encontro e Feira dos Povos do Cerrado foram todas gratuitas e abertas ao público.

Chamar a atenção e debater estratégias de conservação do Cerrado a partir dos modos de vida dos povos e comunidades tradicionais é fundamental, uma vez que o Bioma, atualmente, é o mais ameaçado do país. Mais da metade da vegetação original do Cerrado já foi desmatada.

Ele, que é o segundo maior Bioma do Brasil, ocupando 24% de todo território nacional, concentra 30% de toda a biodiversidade do país e 5% da biodiversidade do planeta.

Além disso, é no Cerrado que estão localizadas oito das doze regiões hidrográficas brasileiras, abastecendo seis das oito grandes bacias hidrográficas do país. É no Cerrado, por exemplo, onde estão três dos principais aquíferos do Brasil: Bambuí, Urucuia e Guarani.

Serviço:

IX Encontro e Feira dos Povos do Cerrado
11 a 14 de setembro de 2019
Completo Cultural Funarte - Brasília (DF)
Eixo Monumental – Setor de Divulgação Cultural, Entre a Torre de TV e o Lt 2 Clube do Choro – Plano Piloto

Contato para entrevistas:
Assessoria de Imprensa da Rede Cerrado
Thays Puzzi - comunicacao@redecerrado.org.br
(61) 9 8116-4747 (WhatsApp)

CINEBARU
NA VILA DE SAGARANA

Eduardo Pereira

A Vila de Sagarana, aqui nos sertões das Gerais, é um desses lugares mágicos que nunca saem do imaginário e do coração da gente. Como neste setembro teve o CineBaru (3ª Edição), pensei escrever sobre os encantos desta Vila de sonhos. Pesquisando aqui e acolá, encontrei na página do Festival Sagarana (https://festivalsagarana.wordpress.com/a-vila-de-sagarana/) esta tradução incrível do ambiente apaixonante de Sagarana, definitivamente um daqueles textos que eu gostaria de ter escrito. Então, montando no cavalo selado, como dizem por lá, aí vai, pra você, um pouco da lindeza da Vila de Sagarana.

A VILA DE SAGARANA

Baru torrado na mesa da cozinha, lua dourada, pés de pequi apinhados de flores, pôr-do-sol vermelho-fogo, noite com cheiro doce de jasmim-manga, conversas entre os cachorros donos da rua. No cerrado sertão do Vale do Rio Urucuia encontramos a Vila de Sagarana, pequeno distrito de Arinos (MG) cheio de histórias fiadas e recontadas.

A pequena vila está a 700 km de Belo Horizonte e a 240 km de Brasília. Fruto da luta social, foi o segundo Assentamento da Reforma Agrária implantado pelo Incra em Minas Gerais, em 1973.

O nascimento de Sagarana celebra o fim da perversa saga do coronelismo e o início da quebra da estrutura fundiária na região. Um território que abarca importantes ações em direção ao desenvolvimento sustentável e a pesquisas em tecnologias sociais no Cerrado.

Somado a isso, o imaginário dos escritos de João Guimarães Rosa, marcado no próprio nome da Vila, sublinha a realidade das prosas, causos e ensinamentos de mestres e mestras desse jeito de ser "Feito Rosa para o Sertão".

Cerca de 500 pessoas habitam o povoado e se sustentam, principalmente, da pecuária leiteira, agricultura familiar e extrativismo de frutos do Cerrado, como o baru e o pequi. Em Sagarana, encontramos mantidos modos de vida, saberes e ofícios tradicionais: quitandeiras e doceiras, benzedeiras, raizeiras, vaqueiros, fiandeiras, tecelãs, a lida campesina, Folias de Reis, apicultura, artesanatos com bambu e lutihieria de violas e violões.

O termo Sagarana foi criado por Guimarães Rosa e contêm expressão do regionalismo típico da região, definidor da identidade e das raízes do povo mineiro. Significa a ligação do homem com a sua terra e cultura, sem perder os vínculos com a universalidade própria do ser humano.

"Sagarana" é a união do radical germânico Saga – que significa narrativa épica em prosa ou história com acontecimentos marcantes ou heróicos – com rana, de origem tupi, que quer dizer "à maneira de", "típico ou próprio de". Em Sagarana, Cultura e Ruralidades caminham juntas.

CINEBARU

A terceira edição do *CineBaru – Mostra Sagarana de Cinema* aconteceu entre os dias 12 e 14 de setembro de 2019, na vila de Sagarana, distrito do município de Arinos, no sertão de Minas Gerais.

A mostra promoveu uma imersão no sertão enquanto local de encontro, fomentando a formação de uma rede de cinema na agenda de festivais nacionais. Com isso, cumpriu-se o intuito de fortalecer os grupos que realizam, moram, produzem e pesquisam nos estados da Bahia, Goiás, Minas Gerais e no Distrito Federal.

A convivência cultural, wsocial, política e artística por meio da produção e exibição de filmes inaugura um olhar sensível nesse ambiente audiovisual. Fazer, exibir e viver cinema no sertão mineiro *in loco,* compartilhando de dentro para fora e no seu avesso inquietações, vivências, saberes e valores foram objetivos plenamente cumpridos nesta edição do CineBaru.

Buscando somar ao movimento de combate às desigualdades ainda profundamente enraizadas em nossa sociedade, bem como dentro da produção cinematográfica nacional, o CineBaru tem como diretriz a promoção de filmes dirigidos ou protagonizados por mulheres, negras e negros, indígenas e LGBTQIA+.

Cada vez mais, a Mostra Sagarana de Cinema se consolida no calendário cultural de todo o noroeste do estado de Minas Gerais, sendo atualmente a maior mostra de cinema independente dessa região, dialogando com as fronteiras do sertão e viabilizando um alcance de público em Goiás, Bahia e em especial no Distrito Federal.

Na terceira edição, a Mostra chegou a quase 100 filmes exibidos e cerca de 400 inscritos desde 2017. A edição deste ano 2019 recebeu 133 inscrições de curtas para a Mostra Competitiva Regional; a curadoria selecionou 27 filmes para a Mostra Competitiva, 1 filme para o especial de abertura e 3 filmes para o espaço Sertãozim.

CHEGANDO NA VILA

Importante você de saber que na Vila não existem bancos. Os comércios não aceitam cartões, portanto, leve seu dinheiro! A única rede de telefonia que atende a região é a Vivo. Também não há hotéis. Existe um circuito de hospedagem comunitária. Alguns endereços: Hospedaria Cresertão – André (38) 99972-3204. Casa da Gasparina - (38) 9 9939 0533. Casa da Maria Cardoso e Sílvio – (38) 9 9995 8364. Casa da Lena e Dercílio – (38) 99808-6148. Casa da Miriam – (38) 99915-2088. Existem mercados e pequenos comerciantes que servem comida. Você pode desfrutar também de toda a cordialidade sagaranense nos botecos da vila! Para saber mais sobre a mostra de cinema ou a estada em Sagarana, escreva para: cinebaru@gmail.com.

Foto: Divulgação

EM DEFESA DA AMAZÔNIA E DOS MODOS DE VIDA DOS POVOS DA FLORESTA

MANIFESTO XINGU+

"NUNCA VAMOS DEIXAR DE SER OS POVOS DO XINGU, NUNCA VAMOS ABANDONAR AS NOSSAS TERRAS, QUEREMOS DEIXÁ-LAS PARA NOSSOS FILHOS E NETOS. O XINGU É UM SÓ."

Nós, povos indígenas de 15 Terras Indígenas das etnias Mebengokre, Kalapalo, Ikpeng, Yudja, Panara, Khisêtjê, Tapayuna, Parakanã, Arawete, Xikrin do Bacajá, Xipaya, Kuruaya, Arara da Cachoeira Seca e Yudja da Volta Grande, e ribeirinhos das Reservas Extrativistas Riozinho do Anfrísio, Iriri e Xingu, e do Conselho Ribeirinho, todos moradores do Corredor de Diversidade Socioambiental do Xingu, estivemos reunidos no 4º Encontro da Rede Xingu+ entre os dias 21 e 23 de agosto de 2019 na Aldeia Kubenkokre, TI Menkragnoti, sul do Pará, para discutir as ameaças sobre os nossos territórios e as alternativas que estamos construindo para o nosso futuro.

Estamos extremamente preocupados com o que está acontecendo atualmente no Brasil. O Governo diz que nós, os povos da floresta, queremos viver como todos os brasileiros e que não precisamos mais de nossas terras. Mas isso é mentira! O Governo quer abrir os nossos territórios para a exploração econômica dos fazendeiros, garimpeiros, mineradoras, madeireiras, hidrelétricas, rodovias e ferrovias. Nós queremos viver com saúde, com as nossas culturas vivas, caçando, pescando, cultivando nossos alimentos e protegendo a floresta que herdamos dos nossos antepassados.

Exigimos que se cancelem todos os projetos de lei ou de reforma da Constituição que pretendem liberar a mineração (PL 1.016/96) ou o arrendamento (PEC 187/343). Exigimos que sejam retomadas e fortalecidas as ações de fiscalização ambiental freando o avanço do desmatamento, os incêndios criminosos e a invasão dos nossos territórios como está acontecendo neste exato momento com apoio e incentivo do atual governo. Exigimos a desintrusão imediata de nossos territórios invadidos. Exigimos que parem de jogar toneladas de agrotóxicos em nossos rios e florestas, envenenando nossos alimentos e nossas famílias. Exigimos que o Governo pare de insultar as nossas lideranças e respeite sua legitimidade política.

Queremos que a Política Nacional de Gestão Ambiental e Territorial de Terras Indígenas (PNGATI) seja implementada, respeitando nossos Planos de Gestão. Queremos também a implementação das Unidades de Conservação e respeito às suas comunidades tradicionais. Queremos políticas públicas de saúde e educação escolar verdadeiramente diferenciadas e de qualidade dentro de nossos territórios. Queremos políticas públicas que incentivem e fortaleçam nossos produtos da floresta. Estamos produzindo mel, óleos, farinhas, castanhas, pimentas, borracha, sementes, artesanatos, água e ar puro.

Somos responsáveis pela proteção da floresta do Xingu, que beneficia toda a região e os moradores das grandes cidades, contribuindo para o equilíbrio climático essencial para o país e para o mundo. Queremos o reconhecimento e respeito aos nossos modos de vida e também participar das decisões sobre o futuro do Brasil. Exigimos ser ouvidos, especialmente sobre aquilo que nos afeta, conforme garante a Convenção 169 da OIT, que é lei no Brasil.

Nunca vamos deixar de ser os povos do Xingu, nunca vamos abandonar as nossas terras, queremos deixá-las para nossos filhos e netos. O Xingu é um só.

Foto: Lucas Landau/ISA

Aldeia Kubenkokre, Pará, 23 de agosto de 2019

Instituto Kabu – Instituto Raoni – Associação Floresta Protegida – Associação Cultural Indígena Kapot Jarina – Associação Terra Indígena Xingu
Associação Iakiô/Panara – Associação Indígena Kisêthjê – Associação Yarikayu/Yudja – Associação Indígena Moygu Comunidade Ikpeng – Associação Indígena Tapayuna – Associação dos Moradores da Reserva Extrativista Riozinho do Anfrísio – Associação dos Moradores da Reserva Extrativista Rio Iriri
Associação dos Moradores da Reserva Extrativista Rio Xingu – Conselho Ribeirinho Xingu – Associação Pyjahyry Xipaya – Associação Bebo Xikrin do Bacajá – Associação Indígena Kuruaya Yrinapanha – Conselho Arawete – Associação Tato'a Conselho Parakanã – Associação Kowid – Arara da Cachoeira Seca – Associação Yudja Mïratu da Volta Grande do Xingu – Associação Indígena Korina/Juruna – Associação Indígena Kumarewa/Juruna – Associação Ajuvik/Juruna – Associação Indígena da Aldeia Curuá/Kuruaya – Associação Indígena Tapawia – Associação Kowid – Associação Kuywui.

NOTA DO INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL - ISA (https://www.socioambiental.org.):
Comunidades indígenas e ribeirinhas se reuniram na Terra Indígena (TI) Menkragnoti (PA), no coração da bacia do Xingu, no dia 23 de agosto e firmaram uma aliança em defesa da Amazônia e seus modos de vida. Dezenas de lideranças de 14 povos indígenas e populações tradicionais participaram do 4º Encontro da Rede Xingu+, articulação que luta pela proteção do Xingu. As áreas protegidas da bacia do Xingu estão na fronteira do desmatamento. Só neste ano mais de 92 mil hectares de floresta foram derrubados na região, aumentando a pressão sobre o território. As queimadas criminosas, grilagem, mineração, roubo de madeira, avanço da agropecuária e obras de infraestrutura ameaçam a integridade da floresta e seus povos.

SOU DE
FORMOSA
E MEU CARRO TAMBÉM!

BRASIL
FORMO54

EMPLAQUE
MERCOSUL
ESSA IDEIA

Registre seu veículo em FORMOSA, sua cidade agradece e você ainda ganha
20% de desconto no próximo IPTU.

FSA FORMOSA
PREFEITURA

SAUL EVÉM CHEGANDO: SOCORRO! SE SANGUE FEDER, ESTOU FERIDO!

Maria Aparecida Hamu Opa

A juventude de hoje questiona como era nossa vida naquela era sem TV, sem CD e sem vídeo. No entanto, pouca gente sabe, mas lazer e entretenimento não nos faltavam: piqueniques na Lagoa Feia, na Usina, nas fazendas, na Chácara dos Padres; festas religiosas com leilões e barraquinhas; bailes familiares tão constantes que, mesmo sem motivo, tudo terminava em bolero. Tínhamos também cinema e teatro, às vezes.

Certa feita, em ano que não me recordo, às novenas de Nossa Senhora da Abadia, principal festa daqueles tempos, quando moradores de todas as bandas demandavam à cidade e acampavam no mato da Bica, os leilões iam animados.

A banda de música tocava, o leiloeiro apregoava e a moçada namorava. O correio-elegante se encarregava de entregar as flechadas que Cupido disparava.

Tantos casais começaram o namoro assim. Com o coração aos pulos as moçoilas tentavam adivinhar de quem teria vindo a declaração. Entre outros dizeres lembro-me destes:

"Escrevi seu nome na areia, veio a onda e apagou
Escrevi seu nome na pedra, ela rachou
Escrevi seu nome no meu coração e até hoje ele ficou."

Certa feita, no melhor da festança, um gaiato anunciou a notícia bomba: *"Saul está entrando na cidade"*. Foi aquele corre-corre e a festa acabou, pois todos corriam em demanda às suas casas.

Saul foi o cangaceiro desta região e embora não tenhamos notícias sobre sua ação nesta cidade, a sua fama de Lampião amedrontou Formosa várias vezes.

Conta-se que, naquela noite em que a notícia desbaratou o leilão, um determinado indivíduo apavorado corria para casa quando sentiu os fundos de sua calça umedecidos.

Apalpou e, sentindo a mão molhada, levou-a a altura do nariz e reconhecendo um odor característico exclamou: Socorro! Se sangue feder, estou ferido!

Foto: formosahistorica.blogspot.com

Maria Aparecida Hamu Opa
Professora (in memoriam) - Excerto do texto publicado, originalmente, na Revista DF Letras, Ano III, nº 25,26 – Câmara Legislativa do Distrito Federal, com edições por Iêda Vilas-Bôas.

HIJI, A PAMONHA DE MANDIOCA

Lúcia Resende

Em Goiás, fazemos a pamonha com o milho ralado, de sal ou de doce. Em outras partes do Brasil, existe outro tipo de pamonha, de origem indígena, feita com a massa de mandioca.

Nos dois casos, a massa é envolta em folhas. Para a pamonha de milho, usamos as próprias folhas que cobrem a espiga de milho. Para a hiji, as mulheres indígenas usam a folha de bananeira, e o hábito foi mantido pelas quitandeiras.

Nas áreas mais urbanizadas, em geral amarramos as pamonhas com cordões de algodão. Nas aldeias indígenas usam-se embiras das árvores, em especial a embira da bananeira ou da bocaiúva (ou macaúba), que também conhecemos como coco xodó.

Outra diferença é que as indígenas preparam a hiji com a mandioca pura, sem qualquer acréscimo, mas há adaptações, com inclusão de outros ingredientes, que é a receita que trazemos.

INGREDIENTES

Aproximadamente 2 Kg de mandioca
3 ovos
4 colheres de manteiga ou margarina (derretida) ou óleo
1 ½ xícara de açúcar
1 ½ xícara de queijo ralado
100 g de coco ralado
1 garrafinha de leite de coco
1 pitada de sal
Canela (opcional)
Folhas de Bananeira
Barbante ou embiras

MODO DE FAZER

Descasque e rale a mandioca. Esprema em um pano para tirar o excesso de amido. Acrescente os outros ingredientes, batendo antes os ovos, clara e gema juntos. Embrulhe na folha de banana (é bom passar a folha em água fervente, para amaciar). Amarre cada hiji com embira ou cordão. Coloque para cozinhar em água fervente. Em quinze minutos, fica pronta para servir.

Obs.: Se quiser a hiji salgada, é só tirar o açúcar e aumentar o sal. Para pessoas alérgicas a leite, é só tirar o queijo.

Lúcia Resende
Professora
@mluciares

PAUS D'ARCOS

Pedro Tierra

PAUS D'ARCOS.
AGOSTO.
CERRADOS.
O PAU D'ARCO
DESATA OS LAÇOS
DO TEMPO QUE SE DESPEDE,
MAS PERMANECE CONTIDO
NA CORTIÇA QUE PROTEGE O TRONCO
CONTRA OS AÇOITES DA SECA.
ACENDE SINOS DE SOL
MULTIPLICADOS,
COMO O CANTO DOS GALOS
SUSPENDE A MANHÃ
E ANUNCIA
DE DENTRO DO SONO ESCURO DA MADEIRA
QUE O CERRADO EXPLODIU CONSTELAÇÃO...

Pedro Tierra
no livro "O Porto Submerso".
Brasília: Edição do Autor, 2005.

Foto: Divulgação

O CERRADO TAMBÉM QUEIMA

Rosilene Corrêa Lima

Setembro é um mês pleno de datas importantes para o Meio Ambiente. No 5 de setembro, celebramos o Dia da Amazônia. 11 de setembro é o Dia do Cerrado. O Dia da Árvore é comemorado no dia 21 e, em 2019, o início da Primavera foi marcado para o dia 23 de setembro.

Em Brasília, especialmente no Sistema Público de Ensino do Distrito Federal, essas datas são comemoradas todos os anos. E todos os anos o SINPRO/DF se faz presente por seu compromisso com a defesa do Meio Ambiente e da qualidade de vida para as gerações de agora e para as que virão depois de nós.

Infelizmente setembro é também o mês onde se dá o pico da temporada das queimadas criminosas que a alastram pela Amazônia e por todos os biomas brasileiros. No Cerrado não é diferente. Dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) mostram uma escalada do fogo nas regiões de Cerrado do nosso Planalto Central.

Aqui no Centro-Oeste, os mapas do INPE registraram, até o mês de agosto, 22.128 focos de queimada, contra os 11.035 do ano de 2018 ou seja, os incêndios florestais cresceram 100% no ano de 2019, deixando o nosso bioma atrás apenas das grandes queimadas da Amazônia.

Em Brasília, o fogo também castiga. De janeiro a agosto, o Corpo de Bombeiros atendeu mais de 4.500 ocorrências de incêndios florestais no Distrito Federal. Em 2018, Brasília perdeu1,436,41 hectares de vegetação para as queimadas. Este ano, até agosto, essa área já havia duplicado.

Em 2019, até julho, foram 3.035,57 hectares segundo dados do Corpo de Bombeiros, o que corresponde a mais de 30% da área verde tombada da capital federal, que é de 112,25 km2, segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

A imensa maioria das queimadas registradas na nossa região resultam, de acordo com o Corpo de Bombeiros, da ação humana, incluindo a realização de fogueiras, a limpeza de terrenos com fogo e o ato de jogar "bitucas" de cigarro em locais de vegetação seca.

Para evitar as chamas do fogo que devasta a biodiversidade do bioma em que vivemos, os bombeiros recomendam:

- Retirar toda a vegetação do local onde se pretende fazer uma fogueira;
- Jamais usar fogo para a limpeza de terrenos, queima do lixo ou resto de poda de árvores;
- Após fumar, apagar o cigarro antes de descartá-lo em lugar adequado e nunca jogar cigarro aceso pela janela do carro, muito menos ao longo das rodovias.

O SINPRO/DF se junta à comunidade escolar na celebração das datas ambientais de setembro e na defesa da proteção e conservação das riquezas naturais do bioma Cerrado – nossas nascentes, nossas matas, nossa biodiversidade porque só assim teremos uma melhor qualidade de vida para toda a população do Distrito Federal.

Rosilene Corrêa Lima
Diretora do SINPRO/DF

A LENDA DE MINARÃ O DONO DO FOGO

CONTA O POVO KAINGANG, ORIGINÁRIO DA REGIÃO SUL DO BRASIL, QUE, NUM TEMPO MUITO ANTIGO, EM TODA A TERRA SÓ HAVIA UMA FOGUEIRA, E ESSA FOGUEIRA TINHA UM ÚNICO DONO, O GUERREIRO MINARÃ.

COMO NINGUÉM MAIS TINHA FOGO, TODO O POVO KAINGANG SÓ COMIA ALIMENTOS CRUS E TODO MUNDO PADECIA MUITO COM O FRIO DOS INVERNOS RIGOROSOS ENQUANTO MINARÃ, POR SER MUITO EGOÍSTA, GUARDAVA SÓ PARA SI OS SEGREDOS DO FOGO. EM TODA A ALDEIA, SOMENTE A OCA DE MINARÃ ERA AQUECIDA PELAS CHAMAS DO FOGO, QUE ERAM MANTIDAS ACESAS POR SUA FILHA IARAVI.

UM DIA, FIIETÓ, JOVEM INTELIGENTE E ASTUTO, DECIDIU TIRAR DE MINARÃ O CONTROLE DO FOGO. PARA ISSO, TRANSFORMOU-SE XAKXÓ, UMA GRALHA BRANCA QUE VOOU ATÉ A OCA DE MINARÃ E, UM DIA, QUANDO IARAVI SE BANHAVA NAS ÁGUAS DO GÔIO-XOPIN, UM RIO LARGO E TRANSLÚCIDO, FIIETÓ LANÇOU-SE À ÁGUA E DEIXOU-SE LEVAR PELA CORRENTEZA DO RIO DISFARÇADO DE GRALHA.

CUIDADOSA, IARAVI SOCORREU A GRALHA E LEVOU-A CONSIGO PARA PERTO DO FOGO, DENTRO DE SUA OCA. ASSIM QUE SUAS PENAS FICARAM SECAS, XAKXÓ COLOCOU UMA BRASA EM SEU BICO E VOOU. PERSEGUIDA POR MINARÃ, A GRALHA SE ESCONDEU COM A BRASA NUMA CAVERNA. COM UMA VARA, MINARÃ TENTOU ATINGIR XAKXÓ NO ESCONDERIJO ATÉ QUE A VARA SAIU TODA MANCHADA DE SANGUE.

PENSANDO QUE TINHA MATADO A GRALHA, MINARÃ VOLTOU TRANQUILO PRA SUA OCA. SÓ QUE O ESPERTO DO FIIETÓ CRIOU O SANGUE ESMURRANDO O PRÓPRIO NARIZ PARA ENGANAR MINARÃ. COMO FICOU LIVRE DO ÍNDIO EGOÍSTA, FIIETÓ VOOU ATÉ UM PINHEIRO E, DALI, REACENDEU A BRASA QUASE EXTINTA NUM RAMO DE SAPÉ. COMO O VENTO SOPRAVA FORTE, O FOGO SE ESPALHOU PELO CAMPO E PROPAGOU-SE PARA OUTRAS MATAS E FLORESTAS DISTANTES.

FOI ASSIM QUE NÃO SOMENTE OS KAINGANG, MAS TODOS OS OUTROS POVOS INDÍGENAS CONHECERAM O FOGO. DESDE ENTÃO, CADA ALDEIA GUARDA SUAS BRASAS E TIÇÕES PARA NUNCA PASSAR FRIO NEM FICAR SEM FOGO EM SUAS CASAS.

FONTE: HTTPS://WWW.PORTALSAOFRANCISCO.COM.BR/
COM EDIÇÕES DE ZEZÉ WEISS.

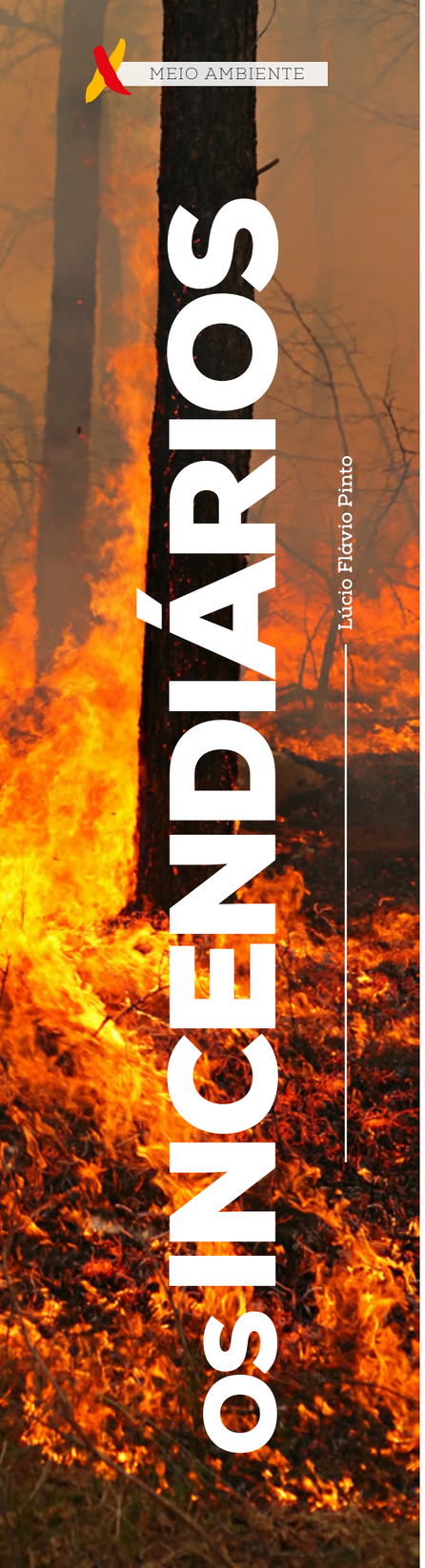
NÃO VAMOS PERMITIR QUE NOSSAS FLORESTAS SEJAM DESTRUÍDAS.
CHICO MENDES

LOJA XAPURI
100%
SOLIDÁRIA

www.xapuri.info/loja-solidaria

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Cada produto vendido por nós e comprado por você contribui para o fortalecimento de um pequeno empreendimento, de um coletivo de mulheres, de um povo indígena, de um projeto socioambiental, ou de um movimento social.



OS INCÊNDIOS DIÁRIOS

Lúcio Flávio Pinto

Um grupo com mais de 70 pessoas combinou por Whatsapp iniciar um ato público. De ameaça? Advertência? Mobilização? Pedido de apoio ao presidente da República? Tudo isso embaralhado, declarado, sugerido ou intuído, mais alguns objetivos inconfessáveis de integrantes desse grupo.

Dele participavam fazendeiros, madeireiros, agricultores, grileiros e especuladores. Talvez até algum criminoso, como parece inevitável numa fronteira marcada pela destruição da natureza, a violência, o desrespeito aos direitos humanos, a corrupção – o caos.

O local de concentração era estratégico: em Novo Progresso, no sudoeste do Pará, cidade de 20 mil habitantes localizada à margem da BR-163. Com mais de 1,5 mil quilômetros de extensão, a Santarém-Cuiabá foi escolhida para ser o local de um projeto pioneiro, que se propunha evitar que uma grande estrada-tronco, que corta a espinha dorsal da Amazônia, fosse também vítima das irracionais frentes nacionais de ocupação da fronteira.

Verbas estrangeiras combinadas com recursos nacionais, ONGs de fora e de dentro do país, instituições científicas brasileiras e estrangeiras, pessoas de boa vontade, elaboraram um plano diretor para apoiar empreendimentos considerados como coerentes com o desenvolvimento sustentável. Para isso, agiriam em paralelo o que interessa é transformar, no final das contas, os bens naturais em mercadorias, o abstrato de poetas e sonhadores em moeda sonante, o dólar de preferência.

Novo Progresso era a prova irrefutável de que os "desenvolvimentistas" venceram – e de goleada – os "conservacionistas". A cidade serviu de base para todos os tipos de atividades, as lícitas e as ilícitas, mais estas, como a abertura de longas estradas para dar acesso à mata nativa, mesmo que em unidades de conservação e reservas indígenas.

Engrossada pela chegada constante de novos habitantes, sua população pensa pela cabeça do pioneiro desbravador – em última instância, o bandeirante que desbravou os sertões brasileiros, à cata de riquezas, indiferente ao meio que enfrentava e derrubava, sobretudo a floresta. Por isso, não pareceu anormal que os mais de 70 pioneiros programassem, no dia 5, transformar em fogueira as áreas nas quais pudessem atear fogo cinco dias depois.

Afinal, eles queriam mostrar ao presidente Jair Bolsonaro que iam dar forma concreta ao discurso que ele vinha fazendo já antes da campanha eleitoral de 2018 e intensificara ao assumir o poder: queria ver a Amazônia repleta de fazendas, mineradoras, madeireiras, plantios de soja e outras atividades rentáveis economicamente. Se índios, caboclos ou mesmo as árvores estivessem à frente, perdão, mas é preciso ir em frente com os tratores, motosserras e peões.

O "dia do fogo" deveria ser o marco da radicalização desse pragmatismo à moda do capital, mesmo o mais descontrolado, usualmente batizado de selvagem. Seria mais uma etapa da corrida "a oeste", que deixou uma trilha de devastação da natureza e do nativo, mas expandiu a fronteira, garantiu a soberania nacional, enriqueceu o país, consagrou a doutrina de segurança nacional e fez o Brasil Grande dos geopolíticos, com a mente sempre preparada para absorver teorias conspirativas sobre a ameaça iminente de internacionalização, reavivadas pelo oportunismo e certa irresponsabilidade eleitoreira do presidente da França, Emmanuel Macron, em torno de uma soberania brasileira restrita na Amazônia.

Agora, até o Pacífico, vencida a barreira do último Estado, o maior do país, a reserva que sobrevive da floresta tropical nativa e virgem, ainda a maior do mundo. O Amazonas está sendo comido, com a mesma velocidade imposta aos demais estados, pelo sul do seu território. O fogo do dia 10 era para iluminar o caminho das formigas humanas da destruição.

O problema é que no intervalo entre a convocação dos incendiários e o dia do fogo, uma súbita e radical mudança fora do país reverberou intensamente no Brasil. Antes mesmo das queimadas orquestradas, os incêndios já se espalhavam pela Amazônia, conforme alertara o INPE. As imagens assustaram os que acompanham o que acontece na região, chocaram quem dela sabe ocasionalmente e foram a oportunidade para a inclusão do tema na Europa, desviando a atenção para outros problemas locais, sobretudo na França, em processo eleitoral, na Alemanha e na Noruega, ofendidas por Bolsonaro.

Toda a atual celeuma sobre a Amazônia, com seus absurdos, desinformações, deformações e tudo mais, inclusive boas intenções, não existiria se Bolsonaro, nos seus rompantes irracionais, não tivesse negado os resultados do monitoramento das queimadas pelo INPE com seu "achismo" autoritário, de capitão-do-mato. Era uma estultice, além de um absurdo, uma bizarria.

O INPE, a caminho dos 60 anos, é uma instituição científica de respeito internacional, O acompanhamento que faz das mudanças no meio ambiente com base em interpretação de imagens produzidas por dezenas de satélites, é um dos mais antigos e mais competentes do mundo. Bolsonaro, negando as informações produzidas pelo instituto e divulgadas desde 1988, provocou estupor de amplitude planetária.

Feito o estrago lamentável, ele quis se desviar do cometimento alegando que ficara irritado porque o diretor do INPE não informou o ministro do meio ambiente, Ricardo Salles, antes de fazer o anúncio público das informações. Uma instituição científica pública é uma entidade do Estado, não do governo. O compromisso que a sociedade lhe delegou é perquirir pela verdade, traduzindo em números e análises a mais segura reconstituição da realidade, o que exige métodos científicos, como os satélites. A base de Bolsonaro parece ser a astrologia.

Todos os presidentes aceitaram essa premissa, inclusive Fernando Collor de Mello. O impacto ainda mais brutal, quando o INPE constatou o maior desmatamento (com as maiores queimadas) de todos os tempos (inclusive na história da humanidade), na pesquisa de 1988. O presidente José Sarney reagiu com o programa Nossa Natureza. Muito confete e fogo-fátuo, mas era a resposta que lhe cabia dar. Bolsonaro foi o primeiro que quis apagar da história o balanço do INPE. Com isso, o debate deixou de ser principalmente científico para se desviar por veredas políticas. E alcançar o patamar de uma crise mundial.

O presidente da Câmara Federal, deputado Rodrigo Maia, com o veneno que parece ter herdado do pai, César Maia, deu a sua estocada. Negou que os atos do governo ou do parlamento sejam para estimular ou mesmo apoiar a destruição da Amazônia, muito pelo contrário. O problema é a "narrativa" (a expressão da moda) de Bolsonaro. Ou seja: o melhor que ele pode fazer é seguir o conselho dado pelo rei da Espanha a Hugo Chávez – por que não te calas?

Tirando todo glacê das declarações de última hora, paradoxais em relação ao que fora dito até a véspera, e ignorando as dificuldades do presidente até para ler o texto preparado pela sua assessoria, o único fato concreto do pronunciamento de Jair Bolsonaro de duas semanas atrás, que delimitou a passagem da fase da agressividade destrutiva para a falsa preocupação pelo meio ambiente, sexta-feira foi o anúncio de que as forças armadas estarão à disposição dos governadores dos estados da Amazônia Legal que as requisitarem, para um combate direto aos destruidores da natureza.

Bolsonaro adotou o mesmo modelo utilizado no combate ao crime organizado nas favelas do Rio de Janeiro, estendendo-o agora ao interior da Amazônia. Com a possibilidade de alcançar o mesmo resultado: o fracasso.

Não por culpa das forças armadas, mas porque lhes dão uma missão incompatível com a sua organização e suas finalidades, exceto em caso de agressão externa ou em cataclismos e situações de urgência e emergência. Acho que seria diferente se Bolsonaro anunciasse a instalação – o mais rápido que fosse possível – de 10 ou 15 bases de helicópteros (com 20 ou 30 aparelhos), espalhadas pelas áreas críticas da Amazônia, a serem operados por pessoal da Aeronáutica, com suporte da mais sofisticada tecnologia para detecção de desmatamentos e queimadas (e de qualquer outro crime ambiental), sob o controle de cientistas, e a ação de campo de uma forte, numerosa, bem armada e bem remunerada polícia florestal, que ele criaria, seguindo o modelo canadense, acompanhada pelo Ibama.

Aí, sim, Bolsonaro mudaria a situação. Seria mais fácil chegar de imediato aos locais onde os crimes estivessem sendo cometidos, prender os criminosos, submetê-los a um processo judicial sumário, sob todas as garantias constitucionais, mandá-los para a cadeia e impor-lhes pesadas multas.

Se ouvisse uma proposta dessas, provavelmente Jair Bolsonaro reagiria com o desdém e a superioridade dos que se consideram realmente um mito, um messias, com direito a dizer tudo que quer e fazer o que lhe vem à cabeça sem outra consequência que não a realização da sua vontade. A reação mundial o fez mudar de rumo e de retórica, convicto de que, passada a gritaria histérica, ele retomará as rédeas do oitavo maior país do mundo. Mas ele pode estar enganado – felizmente.

Lúcio Flávio Pinto
(www.lucioflaviopinto.com.br)
Jornalista desde 1966. Editor do Jornal Pessoal, publicação alternativa que circula em Belém (PA) desde 1987. Autor de mais de 20 livros sobre a Amazônia, entre eles, Guerra Amazônica. Único jornalista brasileiro eleito entre os 100 heróis da liberdade de imprensa, pela organização internacional Repórteres Sem Fronteiras em 2014.

A INCIVILIDADE DOS MIMOS

Valério Fabris

Infantilização perpétua cria adultos despreparados

O psicanalista Contardo Calligaris tem reiteradamente advertido, em artigos e entrevistas, para uma das questões que considera entre as mais graves na sociedade brasileira. É a infantilização perpétua. Impede-se, sistematicamente, que as crianças sintam tédio e frustrações. Mimos.

As milícias da infantilização vitalícia, formadas por milhões de fanatizados e incansáveis pais brasileiros, receberam a unção dos aiatolás, as autoridades supremas: os avós. O conjunto dessas forças empreende sistemática *jihad* psíquica. Aprisionando a criança de hoje a uma só perspectiva de vida: a de ser sempre criança.

Os pais que dissentem da cultura do fundamentalismo pueril geralmente são condenados ao apedrejamento social. As crianças foram sentenciadas a não ter autonomia, uma vez que são portadoras da missão que lhes é autocraticamente imposta: a de serem felizes. "Ou melhor", como diz Calligaris, de "encenar a felicidade para os adultos". Ao mesmo tempo, acrescenta o psicanalista, os pais e avós querem que as crianças cresçam.

"Esses dois deveres são um pouco contraditórios, pois, crescendo e saindo da infância, a gente descobre, por exemplo, que os picolés não são de graça. Portanto, torna-se mais difícil saltitar sorrindo pelos parques à espera de que a máquina fotográfica do papai imortalize o momento. Em suma, se obedeço ao dever de crescer, desobedeço ao dever de ser feliz". Assim escreveu o psicanalista no texto intitulado "O direito à tristeza".

O drama das vastas legiões de crianças mimadas, que se tornam adultos despreparados para a vida, sem ânimo e sem vontade de assumir seus atos, tomados pela depressão ou pela hiperatividade, é resultado de uma infantocracia patrocinada, em tempo integral, por supostos pais e avós. O fato é que crescem em ambientes ricos na paparicação e pobres nos cuidados.

MIMOS

"Eu mimo, mesmo. E daí?", desafia o irredutível avô. Em todos os idiomas, excetuando-se o português, mimar é sinônimo de estragar. Por exemplo: *spoil* (inglês), *gâcher* (francês), *rovinare* (italiano), *verwöhnen* (alemão), *estropear* (espanhol), *ni'ài* (chinês), *leia* (grego), *t*(russo).

Foi dado aos pais, avós e circundantes, portanto, o inquestionável direito de arruinar uma vida inteira. Sem que o estupro psíquico seja objeto de qualquer sanção. Nasceu assim, como diz Calligaris, um tipo de abuso que é muito mais grave do que a palmatória do passado.

Há a ilusão de que o provimento de todas as necessidades da criança, como a da alimentação, do agasalho e do teto diluem os efeitos do recorrente mimo. Colocam-se as crianças em colégios renomados, fornecendo-lhes, também, atividades extracurriculares, como a academia de ballet, o curso de inglês e as práticas esportivas. A elas são disponibilizados acessos às tecnologias de informação e às frequentes reuniões com coleguinhas. "Ainda assim", escreve o psicólogo argentino, Sergio Sinay, "esses meninos e adolescentes são órfãos funcionais", porque têm pouco contato com a impossibilidade, a frustração e a perda, enfrentando escassos limites que, com frequência, são frouxos e ambíguos.

"Estão cercados de adultos que se comportam como eles e que os imitam, adultos que em sua vida pública e social podem ser bem-sucedidos, poderosos, respeitados, invejados, mas que se negam a ser, além de adultos, maduros", escreve Sinay, no seu livro "*A Sociedade dos Filhos Órfãos*" (Editora Best Seller). Calligaris arremata: "Os pais viraram constantes *entertainers*, estão aterrorizados com a ideia de que as crianças sintam tédio. Mas o tédio é um dos grandes fatores da civilização. Se você não tem tédio, não tem vida interior".

Conclusão: os avós devem ser, sobretudo, pacientes e obstinados demolidores das incivilidades dos mimos.

Valério Fabris – Jornalista e avô dos gêmeos Manuela e Vicente, em https://avosidade.com.br/a-incivilidade-dos-mimos/

Personalidade

Clarice Lispector

Existem dois tipos de personalidade, os introvertidos e os extrovertidos. O primeiro tipo é o da criatura cujos interesses estão voltados para dentro de si mesmo. Pertencem a ele, geralmente, as pessoas sem grandes responsabilidades, sonhadoras, expectadores e não participantes da vida.

Os extrovertidos têm seus interesses em objetos e ações externas, geralmente são criaturas que lutam para viver tendo outros sob sua responsabilidade, são ativas, dirigentes.

O ideal é o meio-termo, o equilíbrio entre o sonho e a realidade, entre a vida prática, externa, e o profundíssimo mundo interior. Aqui estão algumas sugestões para o desenvolvimento do equilíbrio de sua personalidade:

1) Procure variar e ampliar suas atividades. A limitação de interesses torna você própria limitada;
2) Tome decisões com firmeza e confiança. A indecisão é a pior coisa do mundo;
3) Modifique as opiniões próprias quando as razões que lhe apresentaram sejam justas e convincentes. A teimosia sem fundamento é sinal de pouca inteligência;
4) Procure rir, ser alegre. O riso faz bem à saúde e aumenta a simpatia;
5) Não remoa suas raivas, que isso lhe faz mal. É muito natural que sinta raiva, vez ou outra, apenas não controle, deixe-se explodir para se ver livre dela;
6) Não cultive com exagero o amor próprio e o orgulho. A admiração e o respeito alheios não podem ser exigidos, mas devem ser conquistados;
7) Estude, procure instruir-se interessando-se por toda espécie de leituras.

Com essas qualidades, você será você mesma, adquirirá autoconfiança, e, para sua própria surpresa, as vitórias se tornarão muito mais fáceis.

Clarice Lispector (in memoriam)
Escritora, em "Correio Feminino", organização Aparecida Maria Nunes. Editora Rocco, 2006.

LOJA XAPURI
100%
SOLIDÁRIA

www.xapuri.info/loja-solidaria

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Cada produto vendido por nós e comprado por você contribui para o fortalecimento de um pequeno empreendimento, de um coletivo de mulheres, de um povo indígena, de um projeto socioambiental, ou de um movimento social.

TERRA INDÍGENA:
DIREITO CONSTITUCIONAL

Davi Kopenawa, o grande líder Yanomami, companheiro de luta de Chico Mendes na criação da Aliança dos Povos da Floresta, nos anos 1980, hoje ele mesmo ameaçado de morte pelas mesmas razões porque assassinaram Chico Mendes, a defesa da Amazônia e dos povos que nela e dela vivem, definiu o presidente da República com uma única palavra: xauara. Para Davi, o presidente é isso, um xauara, uma pessoa "de pensamento doente".

Para além da promessa de campanha de que em seu governo "índio não terá um centímetro de terra", sob a alegação, amplamente expressada nos meios de comunicação nacionais, repercutidos a nível global, de que no Brasil "tem muita terra para pouco índio", ou de que "índio atravanca o desenvolvimento", só mesmo um xauara para ignorar, pública e ostensivamente, os direitos de nossos povos originários, garantidos pela Constituição de 1988.

Os Direitos Constitucionais dos povos indígenas estão definidos em um capítulo específico da Constituição Cidadã de 1988 – título VIII, "Da Ordem Social", Capítulo VIII, denominado "Dos Índios", além de outros dispositivos dispersos ao longo do texto e de um artigo do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Ao contrário do que prega o desatino de um presidente-xauara, a Carta de 1988 define os direitos dos povos indígenas enquanto direitos originários.

Tão importante quanto reconhecer os direitos dos povos indígenas como primeiros habitantes do Brasil, a Constituição de 1988, indigenista, abandona o conceito assimilacionista, expresso nas Constituições anteriores e no próprio Estatuto do Índio (Lei No 6.001 de 19 de dezembro de 1973) que reconheciam os povos indígenas como categoria social transitória, a eles garantindo o direito à diferença, à terra, ao seu modo de vida e a permanecerem como indígenas por tempo indefinido.

DIREITO À DIFERENÇA

Queira o capitão ou não, o artigo 231 da Constituição Federal reza que: "São reconhecidos aos índios sua organização social, línguas, costumes, crença e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens".

E em seu artigo 210, parágrafo 2º, a Carta de 1988 assegura aos povos indígenas não somente a utilização de suas próprias línguas, mas também o respeito aos seus processos de aprendizagem concretizados, ao longo das últimas três décadas, nos processos da educação escolar indígena.

Constitucionalmente, desde 5 de outubro de 1988, data de promulgação da Carta Magna, os povos indígenas, suas comunidades e organizações, assim como qualquer outra pessoa física ou jurídica no Brasil, têm legitimidade para ingressar em juizo em defesa de seus direitos.

DIREITO À TERRA

A Constituição vigente no Brasil estabelece que os direitos dos povos indígenas sobre as terras que eles tradicionalmente ocupam são de natureza originária, portanto anteriores à formação do próprio Estado brasileiro, portanto existem independente de qualquer arroubo xauara que porventura tente impedir seu reconhecimento oficial.

Assim sendo, a demarcação das Terras Indígenas, fruto do reconhecimento feito pelo Estado, é ato meramente declaratório, cabendo à União a obrigação de proteger as Terras Indígenas, uma vez que Constituição de 1988 estabelece:

Art. 20, inciso XI: Incluem-se dentre os bens da União.

Art. 176, § 1: É necessária lei ordinária que fixe as condições específicas para exploração mineral e de recursos hídricos nas Terras Indígenas.

Art. 231, § 1: São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias à sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições.

Art. 231, § 2: São destinadas à posse permanente por parte dos índios. Apenas os índios podem usufruir das riquezas do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes.

Art. 231 § 3, Art. 49, inciso XVI: O aproveitamento dos seus recursos hídricos, aí incluídos os potenciais energéticos, a pesquisa e a lavra das riquezas minerais, só pode ser efetivado com a autorização do Congresso Nacional, ouvidas as comunidades afetadas, ficando-lhes assegurada a participação nos resultados da lavra.

Art. 231, § 4: As Terras Indígenas são inalienáveis e indisponíveis, e o direito sobre elas é imprescritível.

Art. 231, § 5: É vedado remover os índios de suas terras, salvo casos excepcionais e temporários.

Art. 231, § 6: São nulos e extintos todos os atos jurídicos que afetem essa posse, salvo relevante interesse público da União.

DIREITO À TERRA NAS CONSTITUIÇÕES ANTERIORES

Exceto pela Constituição de 1891, todas as nossas Constituições republicanas reconheceram aos povos indígenas direitos sobre seus territórios:

Constituição de 1934 – Art. 129: Será respeitada a posse de silvícolas que nelas se achem permanentemente localizados, sendo-lhes, no entanto, vedado aliená-las.

Constituição de 1937 – Art. 154: Será respeitada aos silvícolas a posse das terras em que se achem localizados em caráter permanente, sendo-lhes, no entanto, vedado aliená-las.

Constituição de 1946 – Art. 216: Será respeitada aos silvícolas a posse das terras onde se achem permanentemente localizados, com a condição de não a transferirem.

Constituição de 1967 – Art. 186: É assegurada aos silvícolas a posse permanente das terras que habitam e reconhecido o seu direito ao usufruto exclusivo dos recursos naturais e de todas as utilidades nelas existentes.

Emenda Constitucional número 1/1969 – Art. 198: As terras habitadas pelos silvícolas são inalienáveis nos termos em que a lei federal determinar, a elas cabendo a sua posse permanente e ficando reconhecido o seu direito ao usufruto exclusivo das riquezas e de todas as utilidades existentes.

Infelizmente, prazo estabelecido nas Disposições Transitórias, de cinco anos para que todas as Terras Indígenas fossem demarcadas, não foi cumprido. Agora, com a chegada do capitão xauara ao poder, o direito constitucional duramente conquistado pelos povos indígenas do Brasil encontra-se terrivelmente ameaçado.

Zezé Weiss
Jornalista, com base na Constituição Federal de 1988 e em dados analíticos do Instituto Socioambiental (ISA) e Fundação Nacional do Índio (Funai) e Povos Indígenas do Brasil.

@zezeweiss

PLENÁRIA DO SINTEGO 2019 “PROFESSOR JÚLIO CÉSAR BARROSO DE SOUZA” REFORÇA IMPORTÂNCIA E RESISTÊNCIA DO MOVIMENTO SINDICAL

Fotos: Acervo Sintego

Ocorreu nos dias 16 e 17 de agosto a Plenária Sindical do SINTEGO 2019, que levou o nome do professor Júlio César Barroso de Sousa, morto a tiros no dia 30 de abril, por um estudante da Escola Estadual Céu Azul, em Valparaíso de Goiás. Júlio César foi assassinado durante seu horário de trabalho, dentro da unidade escolar. A tragédia sensibilizou a todos/as, por apresentar um caso de violência extrema no ambiente escolar, além de interromper precocemente a vida de um professor que dedicou a sua vida pela Educação.

A Plenária foi concentrada na Câmara Municipal de Goiânia, situação em que foram discutidas questões internas do Sindicato como as prestações de contas, plano de lutas, calendário de atividades, entre outras pautas.

Para a análise de conjuntura política, o convidado foi o professor, ex-deputado federal e ex-presidente da CNTE, professor Carlos Augusto Abicalil, que criticou a militarização das escolas, a falta de alegria e criatividade que ela pode gerar, além da não resolução dos problemas com a rigidez disciplinar nos uniformes e cortes de cabelo, citando emocionado e embargado a história do professor Júlio César.

Abicalil apontou os absurdos que o Ministério da Educação (MEC) e o governo de Jair Bolsonaro estão cometendo com a Educação brasileira. Concordamos que é preciso a união da Educação Básica às universidades para contrapor as atrocidades deste governo, além do respeito à diversidade em qualquer forma de manifestação.

Conforme a fala do professor Abicalil, o projeto que está sendo gestado por esse governo acaba com a solidariedade social e nos leva de volta a uma proposta desenvolvida no século XX, que se trata apenas de conquistas individuais, para pessoas iguais, de mesma cor, mesma conta bancária, mesma órbita política, e que convergem para liquidar forças inimigas.

Também participou de forma honrosa da Plenária do SINTEGO o reitor da Universidade Federal de Goiás, professor Edward Madureira Brasil. Ele falou sobre os terríveis cortes na Educação e seus impactos na Sociedade. Segundo Edward, a UFG não consegue se manter a partir de setembro/2019, o que causa profunda indignação diante de todos os absurdos praticados pelo Governo Federal, principalmente em relação à Educação, desconsiderando o pensamento crítico, estudos e pesquisas, e incentivando o desmonte do ensino superior público de qualidade.

As participações engrandeceram a nossa Plenária, levando os/as mais de 400 delegados/as, de todas as regionais sindicais, a uma profunda reflexão sobre o momento histórico complicado pelo qual passamos. Nesses dois dias, foi reforçada, e reafirmada, a importância do movimento sindical, sua resistência nesse enfrentamento e, também, a necessidade de que sejam discutidos os sinais de fascismo que são percebidos sem muita dificuldade no Governo Federal do Brasil.

Prova disso, mais uma conquista do SINTEGO foi anunciada para toda a categoria na Plenária. Após muita luta do sindicato, o Governo Estadual acenou que pagará o reajuste do Piso Salarial para os/as professores/as e da Data-base dos/as administrativos/as na folha do mês de setembro, além do auxílio-alimentação retroativo a fevereiro/2019, fruto da greve da Educação!

O SINTEGO, mais uma vez, ressalta que não se retirará da luta jamais, bem como não aceitará nenhum direito a menos diante de tantos anos de militância, numa história tão cheia de vitórias para a classe trabalhadora!

#SintegoNaLuta

Bia de Lima
Educadora. Presidenta do Sintego.

SINTEGO
GENTE QUE TRABALHA A EDUCAÇÃO
SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DE GOIÁS
filiado à
CUT BRASIL CNTE

Às agressões, como nos responde a mãe Terra?

Leonardo Boff

O paradigma da modernidade assentado sobre a vontade de potência, quer dizer, sobre o poder entendido como dominação do mundo, dos povos, do outros, da natureza, da vida, do código genético, das energias originárias do universo e do próprio globo terrestre e, se puder, até de outros corpos celestes (Lua e Marte), mudou a face da Terra.

Forjou uma cultura material com enormes vantagens para a vida humana, mas à custa da devastação e destruição de inteiros ecossistemas, e o empobrecimento da maioria da humanidade e a produção de uma maquinaria de morte que nos pode matar a todos.

E como a Mãe Terra nos responde? Logicamente, mostra que está ferida e doente, mostrando os níveis de sua febre e a exaustão dos bens e serviços necessários para a reprodução da vida em toda a sua diversidade: é a Sobrecarga da Terra (The Earth Overshoot).

Mesmo assim ela nos brinda com beleza, flores, ipês floridos e, nessa época do ano, com cerejeiras japonesas esplendidamente coloridas. Devemos aprender a tratá-la como tratamos nossas mães: com carinho, cuidado, respeito, veneração e amor.

É urgente a universal amorização com todas as coisas como São Francisco nos mostrou e o Papa Francisco vem repetindo... Cuidar e amar. Eis as florezinhas que me saúdam cada manhã quando abro a minha janela!

Leonardo Boff
Eco-teólogo, filósofo e escritor, escreveu entre tantos *Como cuidar da Casa Comum*, Vozes 2018.

LOJA XAPURI
100%
SOLIDÁRIA

www.xapuri.info/loja-solidaria

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Cada produto vendido por nós e comprado por você contribui para o fortalecimento de um pequeno empreendimento, de um coletivo de mulheres, de um povo indígena, de um projeto socioambiental, ou de um movimento social.

TARSILA DO AMARAL:

ENVOLVIMENTO SOCIAL, PAIXÃO E DENÚNCIA ATRAVÉS DA ARTE

Iêda Vilas Bôas

Tarsila do Amaral (1886-1973) foi mulher moderna e de vanguarda, uma pintora e desenhista brasileira. Sua obra mais conhecida é o quadro "Abaporu", pintado em 1928 e presenteado ao seu esposo, à época, o escritor Oswald de Andrade, em seu aniversário. O quadro é muito significativo por apresentar, através da arte, as diferenças sociais e intelectuais do nosso Brasil e a latente necessidade de nos libertarmos das amarras estrangeiras na arte e na política.

Quando Oswald recebeu a tela, ficou imediatamente encantado e disse que aquele era o melhor quadro que Tarsila já havia pintado. Os elementos que constam na tela, especialmente a inusitada figura ao centro, despertaram em Oswald a ideia da criação do Movimento Antropofágico.

O Movimento consistia na deglutição da cultura estrangeira, incorporando-a na realidade brasileira para dar origem a uma nova cultura transformada, moderna e representativa: expressão genuína da nossa cultura. Deu-se o início do revolucionário movimento literário do qual Tarsila fazia parte, juntamente com Oswald de Andrade e Raul Bopp, e este Movimento – Antropofagismo – tornou-se o mais radical de todos os movimentos literários que surgiram no período Modernista.

Tarsila teve fases marcantes em sua obra: defendendo o nacionalismo, a artista rompe completamente com o conservadorismo e enche-se de formas e cores assimiladas em sua viagem de "redescoberta do Brasil", realizada em Minas Gerais, com seus amigos modernistas. Tarsila explora os temas tropicais, exalta a flora e a fauna, as ferrovias e as máquinas, símbolos da modernidade urbana.

Pintura: Abaporu - Tarsila do Amaral (1928)

Com Abaporu, marca sua fase antropofágica, que ocorreu entre 1928 e 1930. É possível identificar traços característicos da artista como a escolha de cores fortes, a inclusão de temas imaginários e a alteração da realidade.

Abaporu nos apresenta algumas importantes interpretações e reflexões. Na pintura vemos um homem com grandes pés e mãos, e ainda o sol e um cacto. Estes elementos podem representar o trabalho físico que era o ofício da maior parte da população brasileira naquele período. A cabeça pequena significava a falta de pensamento crítico, de quem se limita a trabalhar com força, mas sem pensar muito. Vê-se aí uma severa crítica à sociedade de classes. Tarsila usou essa mesma técnica do gigantismo quando foi a primeira mulher brasileira a pintar a tela A negra (1923).

Outros elementos chamam a atenção nessa fase antropofágica: certa melancolia que transcende o quadro, o posicionamento da cabeça e expressão denotam alguma tristeza ou depressão. Além disso, o pé grande revela uma forte conexão do ser humano com a terra, seu chão, seu lugar. Aparece aí a temática dos retirantes e a ida pra capital, o abandono de seu espaço e o incerto futuro.

Tarsila usou sua arte para mostrar ao público, principalmente à elite, que existia um Brasil dolorido e sofrido além dos salões são-paulinos. A obra recebeu um nome de origem tupi-guarani e significa "homem que come gente" (canibal ou antropófago). O título da tela é resultado de uma junção dos termos ***aba*** (homem), *pora* (gente) e *ú* (comer).

Tarsila do Amaral nasceu na Fazenda São Bernardo, no município de Capivari, interior de São Paulo, no primeiro dia do mês de setembro de 1886. Filha de José Estanislau do Amaral Filho e Lydia Dias de Aguiar do Amaral, tradicional e rica família de São Paulo.

A condição econômica abastada de Tarsila do Amaral abriu-lhe oportunidades para estudar na capital, no Colégio Sion, de freiras. Em seguida partiu para Barcelona, na Espanha, onde pintou seu primeiro quadro, "Sagrado Coração de Jesus", aos 16 anos. Na sua volta ao Brasil, muito jovem ainda, casou-se com André Teixeira Pinto. O casamento foi breve, mas desse meteórico casamento, nasceu-lhe a sua única filha, Dulce, em 1906.

Tarsila foi, ao longo do tempo, se aprofundando nas artes. Estudou escultura em barro com o sueco William Zadig, desenho e pintura no ateliê de Pedro Alexandrino e artes variadas em Paris (1920-1922). Estudou também com Émile Renard. Em 1922, teve uma tela sua admitida no Salão Oficial dos Artistas Franceses.

Em 1918, conhece o grande referencial da arte visual brasileira: Anita Malfatti. Houve imensa empatia entre as duas e foi Anita que comunicou à amiga sobre o grande acontecimento que viria a ser (em 1922) a Semana de Arte Moderna, em São Paulo. Embora não tenha participado diretamente da "Semana de 22", Tarsila se integra com os intelectuais modernistas.

Faz parte do "Grupo dos Cinco", juntamente com Anita Malfatti, Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Menotti del Picchia. Eram todos modernistas e participaram ativamente do circuito cultural e intelectual de São Paulo durante os anos 20.

Em 1923, Tarsila volta à Europa e mantém contato com os modernistas que lá se encontravam, intelectuais, pintores, músicos e poetas, entre eles Oswald de Andrade. Estuda com Albert Gleizes e Fernand Léger, grandes mestres cubistas. Mantém estreita amizade com Blaise Cendrars, poeta franco-suíço que visitou o Brasil em 1924.

Em 1925, estando em Paris, Oswald de Andrade lança o volume de poesias "Pau-Brasil", com ilustrações de Tarsila. Em 1926, a artista expõe em Paris, com grande sucesso. Nesse mesmo ano, casa-se com Oswald de Andrade.

Nossa jovem e talentosa pintora fez sua primeira exposição no Brasil em 1929, no Rio de Janeiro. Obteve grande repercussão e fama com a venda de seus quadros. Entretanto, o país passa pela famosa crise de 1929, período em que perdeu todos os seus bens e Tarsila vê sua fortuna e seu casamento com o poeta Oswald de Andrade se desmoronando.

Oswald de Andrade separa-se de Tarsila, pois havia se apaixonado e decidiu se casar com a revolucionária Patrícia Galvão, conhecida como Pagu. Convém registrar que Pagu era criada, como filha, na casa dos dois. Mas... quem há de julgar as coisas do coração? Tarsila sofre demais com a separação e com a perda da fazenda e de seu poderio econômico. Nessa fase ela se entrega ainda mais a seu trabalho no mundo artístico.

Em 1930, Tarsila conseguiu o cargo de conservadora da Pinacoteca do Estado de São Paulo e pôs-se a organizar o primeiro Museu de Artes Paulista. Porém, com o advento da ditadura de Getúlio Vargas e com a queda de Júlio Prestes, perdeu o cargo.

Em 1931, casa-se novamente, com o psiquiatra Osório César e com ele vai à Rússia, aprofunda-se com a ajuda do esposo nas questões sociais e políticas e toma por parada final a borbulhante Paris. Ali, Tarsila é tomada pelos problemas da classe operária. Sem dinheiro, trabalhou como operária de construção, pintora de paredes e portas. Logo conseguiu o dinheiro necessário para voltar ao Brasil. No Brasil, por participar de reuniões políticas de esquerda e pela sua chegada após viagem à URSS, Tarsila é considerada suspeita e foi presa, acusada de subversão.

Em 1933, pinta o quadro "Operários", e inicia uma fase de temática em que se dedica a abordar o lado social, desumano e desigual nas relações de poder e entre as classes. São exemplos deste período as telas: *Operária* e *Segunda Classe*. Em meados dos anos 1930, o escritor Luís Martins, vinte anos mais jovem que Tarsila, torna-se seu companheiro constante, primeiro de pinturas, depois da vida sentimental. Ela se separa de Osório e se casa com Luís, com quem viveu até os anos 1950.

Em 1965, separada de Luís e vivendo sozinha, foi submetida a uma cirurgia de coluna, já que sentia muitas dores, e, devido a um erro médico, ficou paralítica, permanecendo em cadeira de rodas até seus últimos dias.

Em 1966, Tarsila perdeu sua única filha, Dulce, que faleceu de um ataque de diabetes, para seu desespero. Nesses tempos difíceis, Tarsila encontrou consolo no espiritismo. A partir daí, passa a vender seus quadros, doando parte do dinheiro obtido a uma instituição administrada por Chico Xavier, de quem se torna amiga. Ele a visitava, quando de passagem por São Paulo, e ambos mantiveram correspondência.

Profundamente celebrada e reconhecida em vida, a artista participou da I Bienal de São Paulo (1951) e da Bienal de Veneza (1964). Faleceu em janeiro de 1973, em São Paulo, oitenta e sete anos, depois de ter vivido intensamente, pela arte e com a arte. Foi enterrada com um longo vestido branco, como era seu desejo. Deixou-nos, através da arte, um imenso legado de vida, envolvimento social, paixão e denúncia.

Iêda Vilas-Boas
Escritora. Presidenta da Academia Letras do Nordeste Goiano – ALANEG.

Jornada de Lutas
latino-americana

Rumo ao Centenário de Paulo Freire!

Participe das atividades político-culturais
em defesa da educação pública,
gratuita, laica e emancipadora.
Evento aberto ao público e a todas as
organizações que lutam pela educação.
Informe-se sobre a programação
no sindicato de sua cidade.

19 de setembro de 2019

CNTE Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação Brasil
® www.cnte.org.br

Filiada à CUT BRASIL

Internacional da Educação

CEA

FNPE Fórum Nacional Popular de Educação

Frisson

CAMPANHA XAPURI
ASSINATURA SOLIDÁRIA

ASSINE A XAPURI E GANHE, AGORA, UMA LINDA CAMISETA DA RESISTÊNCIA, COM FRETE GRÁTIS PARA QUALQUER LUGAR DO BRASIL.

PRA XAPURI ACONTECER, NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ.

VEM COM A GENTE!

REVISTA IMPRESSA

ANUAL R$ **190**,00 12 EDIÇÕES

BIANUAL R$ **290**,00 24 EDIÇÕES

ASSINE JÁ! WWW.XAPURI.INFO/ASSINE